

Luciano Victor Barros Maluly
Tatiana Cavalcante de Oliveira
Carlos Augusto Tavares Junior
Carina Seles dos Santos
(Orgs.)

CADEIRÃO DE
JORNALISMO
ESPORTIVO



4ª edição

Luciano Victor Barros Maluly
Tatiana Cavalcante de Oliveira
Carlos Augusto Tavares Junior
Carina Seles dos Santos
(Orgs.)

Caderno de Jornalismo Esportivo

4ª Edição

DOI 10.11606/9788572052177



São Paulo, 2018

A palavra que o jornalismo esportivo busca decifrar – ou seja, sua realidade –, é a prática esportiva.

Rafael Duarte Oliveira Venancio

Para Thomas Fischer

Caderno de Jornalismo Esportivo – 4ª Edição

Luciano Victor Barros Maluly, Tatiana Cavalcante de Oliveira, Carlos Augusto Tavares Junior & Carina Seles dos Santos (Orgs.)

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Augusto Tavares Junior

Universidade de São Paulo

Reitor
Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor
Prof. Dr. Antônio Carlos Hernandes

Escola de Comunicações e Artes

Diretor
Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-Diretora
Prof^a. Dr^a. Brasilina Passarelli

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe
Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Vice-Chefe
Prof. Dr. José de Paula Ramos Júnior

<http://www.usp.br/cje/esportivo>

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C122m **Caderno de jornalismo esportivo [recurso eletrônico] / Luciano Victor Barros Maluly
... [et al.] (Organizador.). 4. ed. - São Paulo: ECA-USP, 2018.
108 p.**

**ISBN 978-85-7205-217-7
DOI 10.11606/9788572052177**

1. Jornalismo esportivo I. Maluly, Luciano Victor Barros

CDD 21.ed. – 070.449796

Elaborado por: Sarah Lorenzon Ferreira CRB-8/6888

Índice para catálogo sistemático:
1. Jornalismo esportivo: 070.449796

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I. A PAIXÃO PELO FUTEBOL	
UM CLÁSSICO DIFERENTE	
<i>Breno Teruo Okamoto</i>	12
A PRIMEIRA DECEPÇÃO	
<i>Caio Servidio dos Santos</i>	14
ÓDIO ÀS PIPAS	
<i>Clayton de Oliveira Luz</i>	16
CONTO DE UM HERÓI PALESTRINO	
<i>Ederson Cavalcante Pereira da Silva</i>	18
DIÁLOGO TRICOLOR	
<i>Eduardo Andrade Motta</i>	20
VITÓRIA SEMPRE!	
<i>Eduardo Longoni</i>	21
O PODER DO “QUASE”	
<i>Fernanda dos Santos de Brito</i>	23
O PRIMEIRO CONTATO	
<i>Fernanda Mendes Souza</i>	25
MINHA LUSA	
<i>Gabriel de Souza Azevedo Franco</i>	26
A ARTE DE TENTAR OUTRA VEZ	
<i>Gabriel Heck Lara</i>	28
O CURIOSO CASO DO MENINO QUE NÃO POSSUÍA TIME	
<i>Gabriel Mahfuz Frazão</i>	29
SERIA MESMO A PÁTRIA DE CHUTEIRAS	
<i>Heitor Ramos Campiotto</i>	30
FUTEBOL ENTRE DUAS CALÇADAS	
<i>João Pedro da Silva Souza</i>	32

CADA UMA NA SUA <i>Luana Kaplan Fernandes</i>	33
GUARATINGUETÁ <i>Lucas Fernandes Carvalho</i>	34
O FUTEBOL E SUA MAGIA <i>Lucas Goulart Alves</i>	35
O INÍCIO DE UMA NOVA PAIXÃO <i>Lucas Jai Ho Choi</i>	37
SENTIMENTO ALVIVERDE <i>Luiz Filipe Gonçalves Silva</i>	38
UMA QUARTA DIFERENTE DE TODAS AS OUTRAS DA HISTÓRIA <i>Matheus Fernandes Ramirez</i>	39
LIBERTADOS <i>Nathalia Giannetti Vieira da Silva</i>	41
MEMÓRIAS <i>Roberta Silva de Loureiro</i>	42
FRUSTRAÇÃO PALESTRINA <i>Stella Gracia Plena Sol Colacique</i>	43
ENFERMIDADES <i>Thiago Ruiz Nunes Número</i>	45
A ENCARNAÇÃO DA CAMISA 9 <i>Thomas Souza do Nascimento</i>	46
A PRÓXIMA COPA A GENTE GANHA <i>Victor Madureira Ferrari</i>	47
GRITO SILENCIOSO <i>Walter Ferreira de Oliveira Neto</i>	48
NÃO GOSTE DE FUTEBOL, AME-O <i>Willian Gomes Alves</i>	49

II. AMOR PELO ESPORTE

MEU INÍCIO	
<i>Alissa Satomi Wada</i>	51
AMOR AO PRIMEIRO TACKLE	
<i>Ana Paula Costa</i>	52
O CAMPEONATO CHAMADO VIDA	
<i>Andre Vinicius de Oliveira Camellini</i>	53
UM DIA CRUELMENTE INESQUECÍVEL	
<i>Anna Rita Tortolio Matida</i>	54
PING PONG	
<i>Arthur Issao Akamine</i>	55
SÁBADO DE SOL	
<i>Beatriz de Souza Ribeiro</i>	56
UM FUSCA E UM RENAULT, SEM IOIÔ	
<i>Bruna Fernandes Guimarães</i>	58
O MEU ESPORTE	
<i>Bruno Correia Fujita</i>	61
COMO (NÃO) CRIAR UM TIME	
<i>Eduardo Tramontim Mainardes</i>	62
HOBBY	
<i>Fabrizzio Lopes Giocondo Rossin</i>	63
SURF: METÁFORA DA VIDA	
<i>Fernanda Forgozo</i>	65
RAQUEL	
<i>Fernanda Okano Pinto de Oliveira</i>	67
O QUE PENSA EM 15 MINUTOS?	
<i>Flavio Chiari Oliveira</i>	68
UM CIDADÃO DENTRO DO ESPORTE	
<i>Guilherme Cunha Prado</i>	72

UMA NOITE DE SANTO	
<i>Guilherme Gomes Aquino</i>	74
COMO ME APAIXONEI PELA LUTA	
<i>Gustavo Briccoli de Almeida Domingues</i>	75
LUTAR PELO ESPORTE	
<i>Gustavo Chaoyu Lee Hsu</i>	77
DEZ	
<i>Igor Aguiar Cirilo</i>	78
CLICK!	
<i>Isabella Salvini</i>	79
DESCOBRINDO SEU LUGAR	
<i>Jonathan Kenichi Makiyama</i>	80
UM TORNEIO MAIS QUE EMOCIONANTE	
<i>João Pedro Darim Azevedo</i>	81
FORA D'ÁGUA	
<i>Leonardo Centenaro Ramos</i>	84
ESSA TAL DE NATAÇÃO!	
<i>Lucas Stefan Abe</i>	85
O SONHO DE UM CAMPEÃO OLÍMPICO	
<i>Matheus Brito Lima</i>	87
A DESCOBERTA DE UM NOVO ESPORTE	
<i>Pedro Crispim</i>	88
QUE JOGO!	
<i>Rodrigo Gorga Cavero</i>	90
O ESPORTE E AS MÁQUINAS	
<i>Vinicius A. Sayão</i>	92
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo da Rússia terminou, em julho de 2018, com a França bicampeã e o Brasil eliminado – mais uma vez - nas quartas de final, após derrota de dois a um para a Bélgica. Um mês depois, o clima de *quase lá* estava estampado nos rostos dos alunos e alunas logo na primeira aula da disciplina *CJE 0634 - Jornalismo Esportivo: a pauta além do futebol*.

A percepção era de que os universitários queriam comentar os erros e acertos do time de Tite, tentando achar um culpado por aquela pequena frustração. Clima tenso, que só foi amenizado quando começamos a debater a importância das práticas esportivas e das atividades físicas para o equilíbrio do corpo e da alma.

Como o grupo era heterogêneo, com os inscritos sendo de diversos cursos, incluindo os da terceira idade, foi fácil o entendimento da estrutura da disciplina. Assim, além das aulas teóricas, convidamos esportistas, jornalistas e estudiosos do assunto para ministrar palestras dos mais diversos temas. Além disso, planejamos outras atividades externas como visitas técnicas às praças esportivas e produções de reportagens. Estava tudo explicado e chegava a hora de pautar a primeira atividade, que seria a elaboração de crônicas sobre a infância esportiva.

A crônica já é um elemento fundamental durante o curso, justamente por possibilitar aos estudantes trabalhar com a escrita e também com a memória. Por isso, seria oportuno captar aquele momento de Copa para demonstrar que a derrota não é o fim do mundo e que o esporte ensina que não há vencidos e nem vencedores. Assim como a vida, um jogo é apenas um momento de passagem, que pode ser eternizado por meio de um texto jornalístico.

Já as lembranças da infância são marcadas também pela *paixão pelo futebol*, principalmente pela relação com os clubes de futebol, e também pelo *amor ao esporte*, exemplificado nas pequenas histórias passadas em outros espaços, como a escola, a rua, a praia, entre outros.

Ao unir esporte e jornalismo, procura-se também relacionar passado, presente e futuro, como uma forma de espera para momentos grandiosos, ou seja, como está descrito em uma das crônicas deste caderno, já estamos ansiosos para o início da próxima Copa do Mundo, a ser realizada no Qatar, em 2022.

Os editores

I. PAIXÃO PELO FUTEBOL

UM CLÁSSICO DIFERENTE

Breno Têruo Okamoto

Era um domingo chuvoso e eu estava em casa com minha família. Aquele dia tinha tudo para ser mais um domingo igual aos outros: acorda tarde, almoça tarde, leva as cachorrinhas para passear, assiste às vídeocassetadas e se desespera com aquela musiquinha do fim do Fantástico, anunciando o começo de mais uma semana. Mas esse dia tinha um fator diferente, que confesso que me marcou e por isso lembro dele. O jogo que ia passar na TV era um Santos x Palmeiras. E, desde sempre lá em casa, esse clássico tem um sabor especial pois eu sou palmeirense fanático, daqueles que sabem todo o elenco de trás pra frente; e meu pai é um santista não praticante, que só sabe se o Santos jogou depois que eu falo pra ele o placar final. O fato é que ele, toda vez que tem Santos x Palmeiras, gosta de tirar um sarro e falar que o Santos vai, não só ganhar, mas dar um passeio. Nada mais que conversa de torcedor.

Pois bem, nesse dia fomos a um shopping no meio da estrada. Íamos ao cinema, ver um filme, mas sem achar algum interessante, apenas almoçamos lá. Após comer no restaurante lotado, demos aquela passeada pelos corredores, apenas vendo as vitrines cheias de vários produtos e bugigangas. Passamos na frente de uma loja de eletrônicos, com várias televisões dos mais diferentes tamanhos, mas todas sintonizadas na Vila Belmiro, local do jogo. Aquele mistura de luzes e sons das mais potentes marcas e modelos me dava a sensação de estar na arquibancada do estádio.

Depois de passear e não comprar absolutamente nada, decidimos ir embora. No caminho de volta, teve uma discussão que sempre acontece quando viajo em família: qual rádio ouvir até chegar em casa. Desde criança eu gosto de ouvir futebol no rádio, talvez por influência do meu avô, esse sim santista fanático, que era cego e tinha o aparelho de rádio como fiel companheiro. Por isso queria, naquela hora, ouvir o jogo. Já meu pai não gosta muito disso não, tanto que a primeira coisa que ele faz, geralmente, é mudar o rádio de futebol para uma de música sertaneja. Quem decidiu a história foi minha mãe, que fez a escolha mais coerente, de acordo com ela: mudou pra uma rádio aleatória, que tocava músicas dos mais variados gêneros.

Chegando em casa o jogo já estava pra lá do segundo tempo, num empate em dois a dois. Só mesmo depois do jogo que eu fui ver que o primeiro tempo já tinha sido sensacional, com ataques de ambos os lados e ótima atuação de até então promessas do futebol nacional, como Ganso e Neymar, que ainda não era conhecido como cai-cai. Sem falar do ápice da primeira metade do jogo, que foram as dancinhas nas comemorações dos gols, com destaque para o grande “Armeration”, protagonizado pelo lateral do Verdão, Pablo Armero, que não foi um bom jogador, mas às vezes provocava alegrias e boas risadas.

Mas como esse jogo foi tão marcante, se você só viu uma parte do segundo tempo? Então, parece uma coisa engraçada, mas esse dia é lembrado por mim até hoje por causa de um gol e da minha reação a ele. E olha que nesse jogo teve gol pra dar e vender, foram 3 santistas e 4 palmeirenses. O gol que me marcou foi justamente o último, gol de Robert, aos 42 minutos do segundo tempo, gol do Verdão. E foi lindo, um chute do meio da rua, pegando o goleiro Felipe

adiantado, acho que nem o próprio Robert achava que ia entrar. Nessa hora, eu estava vendo o jogo na sala e meu pai no quarto dele, mais dormindo do que vendo o jogo, na verdade. Quando a bola entrou, eu gritei tanto que minha mãe que estava na cozinha se assustou e as cachorrinhas que ficam do lado de fora da casa começaram a latir. O jogo não tinha tanta importância para a competição em si, mas a emoção de gritar aquele gol foi como se eu tivesse vendo uma final de Copa do Mundo. A primeira coisa que fiz foi sair correndo do sofá da sala e ir até meu pai pra informar pra ele que o melhor time estava vencendo. O sinal da televisão do quarto dele estava um pouco atrasado em relação ao da sala então, quando cheguei lá ainda tive o prazer em ver aquele gol maravilhoso com meu pai contra o time dele. Ele respondeu com a velha resposta clichê de que esse gol saiu só para dar mais emoção à partida, mas que o Santos ainda viraria o marcador. Não virou, vitória do Verdão! Uma parte da casa comemorou! Depois do jogo e nos dias seguintes a esse, eu fiz questão de assistir tudo que tratava desse jogo espetacular, de gols, cavalinhos - não lembro se já existiam naquela época - até programas de debate, sempre cutucando meu pai e mostrando quem realmente era o melhor time.

Nos últimos anos tiveram muitos jogos entre Palmeiras e Santos que ficaram marcados na minha memória, pela importância que eles tinham para o campeonato. Mas esse de 2010 foi o que mais me deu emoção, pois me mostrou um lado do meu pai que eu não esperava perceber nele, o lado torcedor; e me fez ficar mais à vontade em tratar com ele um assunto que eu gosto muito, além de provocar uma aproximação muito maior entre nós.

A PRIMEIRA DECEPÇÃO

Caio Servidio dos Santos

‘Nem tudo são rosas’ é uma expressão popular que pode ser aplicada nas nossas vidas. Tenho certeza que, assim como eu, o leitor já teve inúmeras decepções no âmbito escolar, acadêmico, amoroso, profissional e no esporte, e isso certamente não é diferente. Eu, como apaixonado por futebol que sou desde a infância, sempre com a chuteira no pé e bola nas mãos, pronto para jogar mais uma partida, seja na rua ou na escola, venho contar minha primeira decepção no esporte e, quiçá, na vida.

Tenho vagas lembranças da Copa do Mundo de 2002, de minha mãe me acordando de madrugada para assistir os jogos do Brasil e da festa que foi em casa quando Ronaldo fenômeno fez os dois gols que deram a nossa seleção o pentacampeonato. Também me recordo da primeira vez que fui ao estádio, num jogo entre São Paulo e Coritiba, pelo Campeonato Brasileiro, no mesmo ano de 2002, época em que meu pai ainda tentava me tornar um são-paulino. Apesar dessas memórias, comecei a gostar de fato de futebol na faixa dos oito e nove anos de idade, em 2005.

Eu ficava fascinado quando via a seleção jogar nas eliminatórias, nos amistosos e, principalmente, na Copa das Confederações daquele ano de 2005, em que me recordo com clareza daquele magnífico quadrado mágico em ação. Kaká no ápice de sua carreira, com passes e lançamentos geniais, Adriano Imperador e suas finalizações indefensáveis, Ronaldo fenômeno e a sua frieza ímpar para fazer gols e, obviamente, não deixaria de lembrar do meu ídolo, naquela época e até hoje, Ronaldinho Gaúcho. O que esse jogador, ou melhor, um artista, fazia na seleção brasileira e no seu clube, Barcelona, era inacreditável, desde os dribles fantásticos e as cobranças de falta de deixar incrédulo qualquer crítico, até os magníficos passes e chutes fora da área.

Quando chegou o ano de 2006, comprei a camisa oficial da seleção com o número 10 e o nome de Ronaldinho Gaúcho atrás, álbum, todas as revistas que haviam na banca e muitos objetos dos quais nem me recordo mais. Mediante a todos esses fatos listados, as minhas expectativas para a Copa do Mundo daquele ano eram as maiores possíveis e, nada diferente do hexacampeonato seria aceito por mim, e nem pela minha mãe, pois como o leitor pôde perceber, com todos esses gastos, meu fanatismo acabou com a poupança da família.

Confesso, que ao iniciar a Copa do Mundo, fiquei ligeiramente decepcionado com a ‘magra’ vitória de 1 a 0 sobre a Croácia. Apesar da vitória, a atuação havia sido muito diferente daquela final da Copa das Confederações, no ano anterior, em que a seleção brasileira havia aplicado uma sonora goleada sobre nossos ‘hermanos’ argentinos por 4 a 1. No segundo jogo contra a Austrália, vitória brasileira por 2 a 0, mas a mesma atuação apagada do primeiro jogo. O meu ânimo só retornou nas duas goleadas contra Japão e Gana, com atuações primorosas de Ronaldo que fez jus ao seu apelido: fenômeno.

Após esses adversários menos conhecidos, chegou o derradeiro momento de enfrentar

um oponente campeão mundial, a França, com seus destaques Thierry Henry e Zinedine Zidane.

Diferente dos outros dias de jogos da seleção, a minha família inteira se reuniu para fazer aquele clássico churrasco em casa, já que o jogo se deu em um sábado e todos estávamos de folga. O cenário antes do jogo parecia de um comercial de televisão: todos felizes, adultos bebendo e preparando as carnes, eu e meu primo jogando bola e brincando. Enfim, todos tínhamos uma única certeza: a vitória viria.

O jogo começou e toda aquela festa foi substituída por aflição e ansiedade. Em minha cabeça, surgiam inúmeras perguntas: Quando o quadrado mágico faria aquela jogada magnífica que eles sempre fazem? Onde foi parar a genialidade de Ronaldinho Gaúcho? Por que os chutes de Ronaldo Fenômeno não entram no gol? Em meio a esse cenário de dúvidas, acabou o primeiro tempo e nada de gols.

O árbitro apitou o início da segunda etapa e, dessa vez, não tive tempo de sentir medo, nervoso ou qualquer outra sensação de ansiedade, pois o que estava por vir seria pior. Aos 12 minutos, na cobrança de falta de Zidane, Henry apareceu livre dentro da pequena área para desmoronar toda a minha expectativa e alegria: 1 a 0 para a França.

Para o Brasil, restavam apenas alguns minutos para reverter o cenário. Minha família ainda acreditava em um milagre. Por serem adultos e por toda a vivência que já tiveram, com certeza já viram situações piores serem mudadas, mas, eu estava muito triste. O tempo passava e os meus ídolos pareciam estar entregues, sem genialidade, sem talento e sem a alegria que tanto fez eu adorar aquela seleção.

O apito final do árbitro acabou com toda a exaltação da minha família que antecedia ao jogo. O Brasil estava eliminado da Copa do Mundo daquele ano. Eu não me contive. Toda a decepção e tristeza foram convertidas em um choro inocente de criança. Minha mãe ficou irritada com essa situação, pois sempre disse que futebol não é uma coisa séria e chorar por um jogo é errado. Meu pai, talvez por se recordar do fracasso da seleção de 1982, se viu na obrigação de me consolar e explicar para mim que derrotas fazem parte do futebol, do esporte e da vida.

À noite, passadas algumas horas após o jogo, me lembro muito bem de meus pais me levando para tomar sorvete, algo que eu tanto gostava e me fazia feliz, na tentativa de me animar. E conseguiram. Percebi que na verdade havia muitas coisas, além do quadrado mágico, que me traziam felicidade e, finalmente, eu entendi: aquela não seria a última frustração da minha vida, o futebol ainda me traria muitas amargas decepções e, nem sempre, meus sonhos se tornariam realidade. O mais importante era saber como superaria esses fatos amargos da vida e, naquele dia, eu consegui, com um mero sorvete de chocolate em família. Da minha primeira decepção, surgiu uma das maiores lições que aprendi na vida.

ÓDIO ÀS PIPAS

Clayton de Oliveira Luz

Acordo às 6 horas da manhã, ouvindo a Rádio Globo, que até hoje é o despertador da minha amada vó Cida. Arrumo-me, tomo um café reforçado e vou pra catequese, por livre e espontânea pressão. Terminada a catequese, passo na feira ao lado da igreja, compro um pastel e um caldo de cana, e volto pra casa da Dona Cida, umas 11 horas, até chegar o momento que eu tanto esperava...

Lembro-me de abrir o portão, sair, e passar na casa de cada amigo que eu tinha na vila. Meu traje era incrível: uma chuteira de futsal da Dalponte, um meião, calção e uma camisa do Palmeiras. Não posso esquecer-me de carregar uma bola embaixo dos braços sempre.

Reuni uns dez amigos, e partimos para o nosso campo particular, localizado na Rua General Estilac Leal. Campo esse bem característico: as traves eram feitas de pedras que achávamos na pracinha. As laterais eram as guias das calçadas. Os gandulas éramos nós mesmos, quem chutava, buscava. Não tinha banco de reservas, mas sempre tinham um dois, três, que ficavam de próximo.

A bola rolava. O foco não era fazer gol, mas sim conseguir reproduzir algum drible que o Ronaldinho tinha feito recentemente. O gol, coitado, esse era mero coadjuvante dos rolinhos e chapeuzinhos que aconteciam durante as partidas. O cenário era deslumbrante! Quase perfeito.

Caíque, após receber do goleiro Bruno, dá um corte em César que passou seco tentando roubar a bola, acertando um ótimo passe para Cauê, que após driblar o Vagninho, encontrou-me livre e em ótimas condições de receber a bola. Não titubeou. Lançou a pelota para que eu corresse atrás. Corri. Alcancei. Vagninho, que tinha acabado de tomar um drible do Cauê, tentou recompor na marcação, mas não foi o suficiente, do jeito que ele veio de garfo, eu servi-lhe a sopa. Mais uma caneta para a conta dos dribles. Quase tudo tinha dado certo. O drible, o trabalho em equipe... Como já disse, o cenário quase perfeito. Não fosse um objeto que planava no ar e chamava a atenção de quase todas as crianças da minha idade.

O jogo foi interrompido. Mas não foi algo totalmente repentino. Algumas pessoas já haviam dado sinais de que alguma coisa aconteceria em instantes. Alguns olhavam para o céu - e chuva não era - estava um sol de rachar. Outros já nem ligavam pra bola. Vagninho, que acabara de tomar uma bela caneta, sai correndo. Ao lado dele vai o Caique, e mais atrás o Cauê. Não demora, todos saem de campo, restando apenas eu e o Cesinha decepcionados por não estarmos jogando.

Uns dez minutos depois eles voltam, contentes, rindo, como se tivessem ganhado na loteria. Talvez pra eles valessem a mesma coisa. O Caíque com uma pipa na mão, o Cauê com uma lata de linha e o Vagninho com as mãos vazias, porém com um grande sorriso na cara. Sem mais nem menos, o jogo havia terminado. A rua, que outrora parecia o Pacaembu, agora

parecia um Pipódromo. A criançada fazia a festa, menos eu e o Cesinha, que preferíamos não nos entregar aos encantos daquele maldito pedaço de papel voador, e esperar o dia seguinte até o jogo novamente ser interrompido por ele.

CONTO DE UM HERÓI PALESTRINO

Ederson Cavalcante Pereira da Silva

Começo essa crônica dizendo que se trata do momento em que um mero e singelo adolescente “batizou-se” – ou foi batizado – como um “verdadeiro” palmeirense. Digo ainda que esse mesmo adolescente não é o principal personagem dessa crônica, tão menos o seu pai, a quem ele dedica, mas sim a razão de ser palmeirense. Pois bem, vamos a ela!

Estamos situados na primeira década do novo milênio, mais precisamente no ano de 2007. Ano em que o tal adolescente ao final deste período de translação completaria então 11 anos. O famigerado jovem é Ederson, e seu “herói” palestrino é seu pai, Edem Marcos. Digo a você, caro leitor, que curiosamente algumas fontes dão significado a Ederson, como filho de “Éden”, o que certamente meu pai não fazia ideia quando escolheu meu nome, que ia ser Elias, agora imaginem o “herói palestrino” escolher nome de jogador corintiano a sua prole? Pois bem, essa história teve um final feliz. Agora finalmente iremos ao tal batismo.

Durante toda a minha infância, vivida na longínqua cidade de Francisco Morato, já me reconhecia como palmeirense, talvez por influência de meu pai, mas este nunca disse sequer uma palavra ou exerceu qualquer tipo de pressão para que eu me “juntasse” ao time da Academia, time de “São Marcos”, Evair, Edmundo e com estádio perto da Turiassu. Porém quando ainda mais criança – entre 4 e 6 anos – diversas vezes perguntava a minha mãe se era possível mudar de time, pois o Palmeiras só perdia – malditos sejam os anos 2000. Isso certamente chegava aos ouvidos do meu pai.

Então veio 2007 e foi quando meu padrinho de batismo, alvinegro de corpo e alma, disse uma vez - na presença do meu pai – que me levaria ao estádio para ver o time da Globo, quero dizer... o time do Parque São Jorge, e que eu certamente me juntaria a tão infame proclamada “fiel torcida”. Esse fato certamente mexeu com Sr. Edem, afinal, entre santistas e corintianos ele era o único palmeirense, justamente por influência de seu padrinho. Uma semana depois estavam filho de Edem e ele próprio indo ao Palestra! Me lembro de todos os detalhes daquele dia: desde a longa viagem de trem, do ingresso comprado com o cambista – pois é, teve isso -, andar ao redor do Palestra e de, finalmente, entrar na arquibancada. Esse certamente foi o melhor momento.

Estávamos na arquibancada das piscinas, muito próximos ao gramado, e dali pude entender o por que de o chamarem de “jardim suspenso”: era lindo, nunca havia visto grama tão linear e verde. O estádio estava com capacidade máxima, afinal estávamos entre os 4 primeiros, o adversário era o time da Globo versão carioca, que estava em situação difícil, estavam próximos aos 4 últimos. A torcida gritava: “PALMEEEIRAS... PALMEEEEEIRAS”, intercalando com assovios que encantaram logo de cara a quem vos escreve, gritavam: “AU AU AU, EDMUNDO É ANIMAL”. Me senti como se estivesse dentro de um filme que passava na Televisão, o canto da torcida enchia minha alma de entusiasmo. Que sentimento ímpar!

Pois bem, ouvindo o jogo pelo rádio compartilhando o fone com meu pai, vimos e ouvimos os gols de Caio – que felicidade -, gol do time da Globo impedido ser validado, e por fim gol de Gustavo – que felicidade maior ainda. Palmeiras 2 a 1 no Flamengo. Ritual de batismo completo e mais um Palmeirense apaixonado.

Ainda me recordo do retorno pra casa, do cachorro-quente apreciado pós-jogo e principalmente da sensação de torcer pelo seu time no estádio de futebol, isso certamente é o que me faz ir ao estádio nos dias atuais. Ir ao estádio tornou-se um lugar de refúgio, quando é necessário espriar a cabeça, ter um momento de paz – por mais que hoje em dia seja contraditório ter paz nos estádios ou no futebol – ir ao estádio torcer pro meu verdão me faz muito feliz, e isso eu devo ao meu, infelizmente falecido, Herói Palestrino.

DIÁLOGO TRICOLOR

Eduardo Andrade Motta

Caro Eduardo de 19 anos,

Quem fala aqui sou eu. Ou melhor, é você, 10 anos mais novo. Sem querer pressionar, mas espero que nosso São Paulo Futebol Clube esteja melhor na sua época. Eu, que até ano passado só pensava em jogar bola, comecei a acompanhar nosso time esse ano, já que sempre via meu (nosso?) irmão mais velho comemorando os títulos. E sinceramente: meus jogos na quadrinha da escola são bem mais emocionantes do que aqueles que eu assisto na TV (mérito meu, que gosto de futebol arte, diferente do retranqueiro do Muricy).

Mas eu preciso assumir uma coisa: ontem, dia 22 Abril, eu senti uma coisa diferente. O SPFC estava perdendo por 1 a 0 no Morumbá, pela Libertadores. Jogo horroroso, sem criatividade. Mas daí meu (nosso?) herói, DaGOLberto, fez dois gols e virou a partida. De novo - o jogo foi péssimo, o gol da virada do nosso time foi de costas numa bola mal recuada do América de Cali - porém eu senti uma coisa diferente. Na hora da virada, alguma coisa explodiu no meu peito. Eu nunca tinha sentido nada igual. Abracei o Di (nunca chame nosso irmão de Diogo, não importa quantos anos você tenha) e gritei todos os palavrões que a mamãe não me deixa falar. Foi demais.

Te vejo daqui um tempo (rs), tchau!

Caro Eduardo de 9 anos,

O que você sentiu “ontem” (para mim já se passaram uns anos...) é mesmo uma sensação difícil de descrever. Faz parte da magia do futebol: momentos de pura irracionalidade que causam uma explosão de emoções. E vá se acostumando, porque sentirá isso por um bom tempo ainda. Reverenciar ídolos como se fossem seus amigos íntimos, sofrer pelo seu clube, ir com a cara de um estranho na rua unicamente por ele estar usando a camisa do seu time. Tudo isso pertence ao universo surreal desse esporte maravilhoso, onde as pinturas são feitas com meião e chuteira, onde os artistas literalmente sangram pela sua arte. Enfim, o futebol é fod... quer dizer, é inexplicável.

PS: dobre a língua para falar do Muricy, seu moleque.

Abrços!

OBS: crônica envolvendo cartas/mensagens trocadas entre a versão de 9 anos e a atual do escritor (eu mesmo).

VITÓRIA SEMPRE!

Eduardo Longoni

A tarde soteropolitana do dia sete de dezembro de 2014 era comum para a maioria dos habitantes da cidade, mas não para aqueles que decidiram investir seu tempo e dinheiro em uma paixão chamada futebol, mais especificamente: Esporte Clube Vitória. Era um jogo decisivo, onde a derrota e, até mesmo, o empate significariam o rebaixamento do Clube para a série B, o adversário era o Santos, aquele mesmo de Pelé, Coutinho e Neymar, mas que na ocasião não brigava por mais nada e ainda tinha a vantagem de que se perdesse rebaixaria o seu rival alviverde.

O dia era ensolarado e o clima festivo, eu estava particularmente empolgado, pois entraria junto com os jogadores pela primeira vez, não de mãos dadas pois já tinha 16 anos, mas estaria ali no campo. Ao entrar no gramado e ouvir os gritos de 35 mil entusiastas em minha direção percebi a importância da torcida no esporte das massas. Refleti também que não seria capaz de ser jogador de futebol, apesar de muito o ter sonhado, já que ficaria muito nervoso. Os craques do futebol sempre souberam canalizar a vibração que vem das arquibancadas em estímulos positivos para melhorar o seu jogo.

Depois desse intenso momento, volto à plateia e viro mais um no meio da imensidão rubro-negra, e perdendo toda a minha individualidade acompanho o espetáculo apenas como uma mínima parte de um grupo que se une para determinado fim. O jogo se inicia, os olhares atentos dos torcedores seguem a bola como se não houvesse mais nada relevante no mundo à sua volta e, por um instante, há a certeza de que o Vitória fará jus ao seu nome e ganhará. Uma bola no travessão no meio da primeira etapa faz soar das arquibancadas um uníssono “uuuu”, mas se o gol não viesse de nada adiantava tanto pressionar.

O segundo tempo começa do jeito que acabou o primeiro, nervoso e com o placar inalterado. Aos poucos aquela euforia inicial vai se transformando em nervosismo e angústia, o tempo se torna o maior inimigo de todos ali presentes. Agora faltavam 5 minutos, o time de casa parecia um bando desordenado numa busca desesperada de um lance de sorte que culminasse no ponto máximo do futebol, o gol, que acabaria com o sofrimento dos torcedores e traria felicidade e euforia já perdidos há bastante tempo. Ele não vem e, para piorar, em um contra-ataque rápido no fim do jogo o Santos, que pouco queria, dá o golpe de misericórdia na esperança de todos que ali estavam.

Após o sonoro apito final a melancolia se instaura no estádio, o silêncio impera e os olhares atônitos dos torcedores se tornam vazios. Apesar de muito acostumadas com as derrotas, as pessoas que lá estavam tinham a sensação de que naquele dia seria diferente, de que poderiam celebrar a permanência na Série A e esquecer de todos os outros problemas que assolam suas vidas. Eu sentia um misto de indignação e tristeza, mas tinha a convicção de que momentos bons viriam pela frente.

Erram aqueles que acreditam que o vínculo com um time de futebol cresce ou se fortifica em períodos de bonança, títulos e alegria geral. Naquele dia, com a derrota e o consequente rebaixamento eu nunca me senti tão torcedor. A ligação com um clube se dá de maneira muito mais intensa nos tempos de sofrimento e de derrotas. Uma relação é muito mais profunda e sincera se não depender apenas de coisas boas para se sustentar. Já na saída do estádio todos sabiam que esse ferimento causado pela derrota iria sarar e a esperança seria renovada para o próximo ano, onde os fiéis torcedores, assim como autômatos, caminhariam para este mesmo lugar para venerar este time e este esporte.

O PODER DO “QUASE”

Fernanda dos Santos de Brito

“Bola na trave não altera o placar”, a célebre frase cantada por Samuel Rosa realmente faz todo sentido. Numa partida de futebol “ganhar” ou “perder” são verbos que dependem instintivamente de um substantivo, o tão desejado “gol”.

A torcida fica lá, dedicando 90 minutos de sua vida na esperança do êxtase que dura em média somente 30 segundos, então levanto a questão: seria esse o ápice de um jogo? Talvez para os torcedores a resposta seja “sim”, mas para quem calça as chuteiras a resposta pode ser um tanto “diferente”.

O ano era 2007, aos 12 anos jogava minha primeira partida de futebol no campeonato de classes do colégio. No relógio, a marca dos minutos que antecedem o jogo. A parte da sala que não entraria em campo estava nos esperando, afoita por nossa entrada.

Ao sinal do professor de educação física, começamos a caminhar em direção ao gramado, a gente se aproximava e os gritos de “sexto B” cresciam e causavam em nós um sentimento indescritível. Tudo bem que não tínhamos exatamente uma torcida do Flamengo à nossa espera, mas sendo sincera, por um momento quase duvidei de que pudessem existir torcedores mais apaixonados que aquele bando enlouquecido. Entramos em campo num sol de rachar, o apito do árbitro soou, o jogo tinha começado, agora era “tudo ou nada”.

No “cara e coroa” o time adversário conseguiu sair com a bola. Depois disso, por um certo tempo a redonda sumiu, tentava acompanhar com rapidez seus movimentos de zigue e zague entre os meios e chuteiras, mas devo admitir que isso não era uma tarefa fácil. Bola pra lá, bola pra cá, a torcida apaixonada ainda estava ali, só que agora seus gritos já não eram mais tão fortes, na verdade quase imperceptíveis. Talvez o zero a zero do placar tivesse a deixado sem tanta vontade de entoar “sexto B”.

Depois de algum tempo jogando, o calor também nos afetava e estava difícil manter o ânimo do início da partida. Até que, com a visão quase impossibilitada pelo sol, meus olhos mal podiam ver o que os pés acabavam de sentir: não sabia como ela foi parar lá, mas a bola estava entre meus pés.

Neste momento, fui tomada pelo pensamento de “a hora é agora”, como em dias normais quando lemos uma questão de prova e sabemos a resposta, sabia o que tinha que fazer.

Dominei a redonda, tentei correr e levá-la entre minhas chuteiras o mais rápido que pude, vez por outra precisei desviar dos pés da zaga que incansavelmente não desistia de pegá-la. Sei que qualquer indivíduo chamaria isso de “drible”, mas acho o termo ousado demais para uma marinheira de primeira viagem.

Ainda insistindo na locução escolhida: desviei das zagueiras o mais rápido que pude.

Tomada pela emoção, entrei na pequena área, mal conseguia acreditar que estava ali com a redonda ainda me servindo de companhia.

A vontade de decidir o jogo me inundava novamente, claro que nessa hora o “quase” não fazia parte do plano. Bem o inverso disso: era hora de “bater para o gol”!. Com toda a potência que tinha nas pernas eu fiz, mas com tanta força que a torcida adormecida se ergueu. Agora se ouvia “vai, vai, vai”. O momento cronologicamente rápido passava vagarosamente na minha frente; como naqueles filmes de Hollywood, onde uma música *pop* conhecida toca e todos acompanham a bola girar, girar, girar, gi... a bola ia em direção ao gol. Mal podia conter a alegria, tentava também conter o grito de “gol”, a felicidade de ter “finalizado” ela estava lá, cada vez mais perto.

Foi aí que, num passe de mágica, a magia acabou, a redonda parecia não saber que já era branca e resolveu ‘tirar tinta da trave’, ironicamente de mesma cor. Ainda assim, os gritos de “uh” e suspiros frustrados não tomaram conta de mim. Em vez disso, a eternidade dos dois segundos anteriores havia me enfeitiçado, não sabia por qual motivo, mas aquela sensação de esperar o ápice, a euforia que me invadiu enquanto esperava o “grande momento” foi inexplicável.

Um pouco mais distante desta lembrança surge em minha mente o trecho de outra canção também de Samuel Rosa “De vez em quando é bom, misturar o brasileiro com alemão”. É seguindo seu conselho que invoco a literatura alemã nessas entrelinhas finais, para convencer o torcedor que insistentemente ainda acha que o ápice do jogo é o gol. Se estivesse no lugar de Fausto enquanto a bola percorria seu caminho em direção à rede, em meio a toda aquela euforia, certamente teria sido levada por Mefistófoles, pois com toda certeza diria “ Oh! Para enfim – és tão formoso!”.

O PRIMEIRO CONTATO

Fernanda Mendes Souza

O fato de torcer para um time do Rio de Janeiro e morar em São Paulo me fez crescer sem o contato direto do futebol: Sem ir ao estádio com o meu pai para ver os jogos, sem ouvir os meus amigos me zoando porque meu time perdeu, sem ouvir no Globo Esporte as notícias da base, dos jogos e da comissão do meu clube. Toda vez que se fala de futebol em São Paulo, seja nas ruas entre amigos ou nas principais notícias dos jornais esportivos se ouve sobre Palmeiras, Corinthians, São Paulo e, um pouco menos, Santos.

Em 2008, apesar de todas os apesares citados anteriormente, o Fluminense fazia a sua melhor campanha na Libertadores, não só em São Paulo, mas no Brasil se falava do meu time, e eu estava, pela primeira vez, ligada com o sentimento do futebol. A fase de quartas de final com o São Paulo me levou, pela primeira vez, ao Morumbi e, com meus 9 anos na época, a primeira vez também em um estádio. Assisti o meu time perder de um a zero e achei que a empolgação do meu pai em voltar a ver futebol acabaria ali, assim como as minhas chances de ir novamente em um estádio.

Eis que, pouco menos de uma semana depois, terça-feira seguinte, meu tio, que morava no Rio liga para o meu pai dizendo que comprou ingressos para assistirmos o jogo da volta. Depois de 6h no carro durante a quarta-feira chegamos direto para o jogo. O sentimento de entrar no Maracanã, o maior estádio do Brasil, lotado foi incrível, me despertou um sentimento por futebol que eu nunca tinha sentido. O jogo estava dois a dois, se encaminhando para os pênaltis. Já na prorrogação, vi aquele cruzamento, aquela cabeçada do Washington, o coração valente, bem ali na minha frente, entrar no gol. Lembro até hoje de toda a euforia, das lágrimas nos olhos do meu tio e de todo o sentimento que aquele momento me proporcionou.

O Fluminense não ganhou o título naquele ano - a história da final deixo para outro momento -, mas 2008 me fez entender o que é essa paixão que move todos os brasileiros e me fez começar a fazer bate e voltas na Conexão Rio-SP para acompanhar meu time de perto.

MINHA LUSA

Gabriel de Souza Azevedo Franco

Falar em experiência esportiva, pra mim, é falar de futebol e ainda digo mais, é falar de Associação Portuguesa de Desportos, que talvez alguns a conheçam como Lusa. Este amor começou de infância com idas ao estádio e aquela cumplicidade entre pai e filho que só o esporte proporciona.

Portuguesa é sinônimo de muita coisa em minha vida, nacionalidade, descendência, time, amor, paixão e sofrimento. Esse último anda me assolando de uns tempos para cá, como em nosso hino “... em campo a Portuguesa, para nós, é sempre um time campeão...” para mim sempre será a vencedora, não no placar mas na minha alma e na minha alegria. Me lembro quando ainda com 8-9 anos vestia essa camisa, ainda que no futsal, mas para mim era o êxtase representar o meu time dentro de quadra e sentir orgulho de ser capitão.

Me recordo bem, como se fosse ontem ou mesmo hoje, campeonato, semifinal, Portuguesa e Caieiras, para muitos apenas mais um jogo de uma categoria sub-12 mas para nós, o jogo da vida, o jogo da consagração. Começa o jogo, um a zero para eles. Como em um surto nosso treinador muda toda a ação de jogo, saca nosso homem gol e coloca um rapaz inesperado, um jogador que não vinha bem em treinos e muito menos em competições, mas aquele dia era diferente, aquele dia era totalmente diferente. Vinicius, guardem esse nome! O menino franzino da zona norte de São Paulo era muito meu amigo, mas não sabíamos que aquele dia era o dia dele, quem sabe o meu dia, ou melhor dizendo... o nosso dia!

Entrou, mesmo sem confiança e logo na primeira bola... TOIN, caixa, na gaveta, no ninho da coruja ou como preferir, golaço e o jogo empatado em um a um. Disputa acirrada e todos na torcida para nós, ouvíamos nossa família gritar. Para eles éramos Marcos, Lúcio, Ronaldo, Ronaldinho e Kaká (pra quem se lembrar da grande seleção de 2002) mas ali dentro de quadra éramos apenas Giovanni, Gabriel, Vinicius, Fernando e Bruno. Fim de jogo, empate persistia e assim iríamos para prorrogação.

Primeiro lance do tempo extra chute na trave, eufóricos corríamos como se fosse a final da Copa e realmente passamos a acreditar que éramos os heróis que nossa torcida via em nós. Toque de bola e habilidade sem igual, partimos para o tudo ou nada, cinco minutos depois o tudo veio. Vinicius, se lembram dele? Ele mesmo, o menino franzino. Mais um dele, mais um golaço de encher os olhos. Goleiro para um lado e bola para o outro, ali naquele momento eu senti que seríamos coroados com a final pela melhor campanha e o Vinicius conseguiria o par de chuteiras novos que tanto queria. Fim de jogo, game over, assim o juiz apitava e, de tão felizes, choramos.

Gritaria, corre-corre, abraços, beijos e festa. Nossa glória ali estava construída, deixando o nome nas categorias de base de um time tradicional de São Paulo, não só um time qualquer, mas do meu time de São Paulo e da vida.

A história acaba aqui, Vinicius não sei mais por onde anda, Fernando, Giovani e Bruno devem estar em casa vendo algum jogo. Amizades que se vão, lembranças que ficam. Quisera eu que tudo na vida fossem lembranças como as do esporte.

A ARTE DE TENTAR OUTRA VEZ

Gabriel Heck Lara

Seria mais um ano comum, não fosse a notícia de que o melhor camisa nove da história estava sendo contratado pelo meu time de coração. Uma loucura, um sonho começando a se tornar realidade. Lembro-me bem do regozijo dos repórteres e das manchetes sensacionalistas ao abordar o assunto: ex-jogador em atividade, lesões e sobrepeso. Mal sabiam eles o que havia por vir.

De domingo, só tínhamos uma tradição. Era o dia de juntar a família e a hora do jogo era hora de sentar, sofrer e torcer. Naquele dia, éramos 5, todos corintianos. O adversário da vez era o Palmeiras, nosso maior rival histórico. Líder contra vice-líder do paulistão. O Corinthians tentando tirar a liderança do rival, e este tentando tirar sua invencibilidade de 14 jogos. Um clássico com todos os ingredientes para ser um ótimo jogo, como O Derby deve ser.

Lembro-me daquele dia como se fosse ontem, embora já tenha se passado nove anos. Era o campeonato Paulista de 2009. Lembro do quanto sofremos, do quanto cada defesa do goleiro Felipe era comemorada como se fosse um gol. O jogo estava quente, mas o saldo da primeira etapa foi apenas as divididas fortes e lances ríspidos, o placar continuava inalterado. Começou o segundo tempo e logo aos 3 minutos “dá-lhe porco”, gol do rival. Falha de nosso goleiro, que havia defendido tão bem a meta até então. Mas não desanimamos. A fé que tínhamos naquele time, se fosse possível, moveria montanhas. Aos 18 minutos da segunda etapa, a esperança: Entra Ronaldo. O Fenômeno disputaria seu primeiro clássico com a camisa do Corinthians. E a fé deu resultado. Aos 33 minutos, Ronaldo acerta o travessão em um forte chute. Se já estávamos tensos, agora estaríamos dentro da própria TV se fosse possível para ajudar o Corinthians. Aos 42, nova jogada de Ronaldo e finalização de André Santos, com ótima defesa do goleiro palmeirense Bruno. Aos 47, nos acréscimos, a ressurreição nos gramados. Após cobrança de escanteio da direita, Ronaldo contou com falha da zaga palmeirense, saiu pouco do chão, mas cabeceou firme para vencer o goleiro Bruno e empatar o jogo. O melhor camisa 9 estava de volta.

Teve euforia de R9, teve torcida e time virando um só no alambrado. Mas o que levo de tal episódio vai além. Não poderia ser outro a fazer o gol. Tinha que ser o Ronaldo. O exemplo de motivação e superação estava concretizado, um homem que desacreditado pelo mundo após lesões gravíssimas ainda acreditava em seu sonho e em seu potencial, mostrando ao mundo que qualquer que seja o problema a pessoa tem que acreditar e se superar.

O CURIOSO CASO DO MENINO QUE NÃO POSSUÍA TIME

Gabriel Mahfuz Frazão

Era 28 de outubro de 2007, dia em que fui assistir a um jogo de futebol ao vivo pela primeira vez. O confronto em questão era Corinthians e Figueirense, válido pelo campeonato brasileiro. Antes, no entanto, convém fazer um adendo, nasci em 1999, portanto tinha 8 anos. O leitor pode estranhar o fato de que só fui ver um jogo de futebol no estádio pela primeira vez com 8 anos, já que é normal que crianças com 5 anos ou menos frequentem estádios por todo o Brasil.

Este atraso tem uma justificativa bem peculiar, é que quando pequeno mudava de time toda semana, e escolhia minha nova equipe de um jeito bem heterodoxo: abria o jornal de esportes e procurava o primeiro colocado na classificação do campeonato brasileiro. Assim torci para uma infinidade de times: Cruzeiro, Palmeiras, São Paulo, Santos, Atlético Paranaense, etc. Torci até mesmo para o poderoso Manchester United de Sir Alex Ferguson (talvez porque estivesse cansado de sempre liderar o campeonato brasileiro).

Esta situação durou até o dia 28 de dezembro de 2007, quando meu pai provavelmente cansado de me ver torcendo para um time diferente a cada semana, resolveu me levar no estádio junto com um amigo meu, corinthiano desde pequeno, e seu pai.

Lembro até hoje de quando descíamos a rua junto com centenas de pessoas, todas muito diferentes de mim, e de quando entramos no estádio, com os times já em fase de aquecimento.

O jogo em si foi um grande sofrimento para os torcedores, já que o leitor deve ter percebido que 2007 foi o ano do rebaixamento do Corinthians, e o time era horrível. Lembro quando o Figueirense abriu o placar com Chicão (zagueiro que depois jogaria longos anos no Corinthians), causando silêncio e apreensão no estádio, os quais duraram pouco, já que Finazzi (nome que hoje causa arrepios nos corinthianos) empatou logo depois. No segundo tempo, o mesmo Finazzi virou o jogo, e selou o placar final: Corinthians 2 x 1 Figueirense.

O importante, entretanto, não era o resultado, ou a experiência de acompanhar um jogo de futebol ao vivo pela primeira vez, mas sim que, a partir daquele dia, as trocas de time não ocorreram mais. Assim, a classificação do brasileirão perdia o sentido e nem mesmo o rebaixamento me fez mudar de ideia. Acompanharei o time nas derrotas e nas vitórias, no rebaixamento e, é claro, nos títulos.

SERIA MESMO A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

Heitor Ramos Campiotto

Todo brasileiro nasce com alguma alteração em seu DNA, que afeta com suas sinapses cerebrais e por fim, suas decisões. Eu, como bom brasileiro, não fui diferente.

Na minha sexta série, sem sequer ter treinado ou mesmo praticado frequentemente, tinha o sonho de algum dia poder ganhar dinheiro jogando futebol. E por onde esse tal sonho começa geralmente para cada criança esperançosa? Para a maioria dos garotos e garotas que não nasceram com pais dirigentes ou nomes importantes dentro do meio, a resposta dessa pergunta é a saudosa peneira. Infelizmente meus pais seguiram áreas diferentes e eu não tive o privilégio de poder pular esta grande etapa na carreira do jogador de futebol e até aí, que poder que uma fonoaudióloga e um gerente comercial têm nesse meio?

Pois bem, eu havia chegado à uma nova escola que tem filiação a um clube de desportos, no qual, existia um time de futebol em formação com as inscrições abertas ao público. Sem pensar muito, na semana seguinte, estava lá eu de chuteiras limpas e meias até os joelhos esperando a tal peneira começar. Tentava analisar minha concorrência, olhando minuciosamente cada detalhe dos outros meninos em minha volta, quantas voltas eles davam em seus cadarços, como ajustavam as tornozeleiras, qual altura estavam seus calções e por fim os seus cortes de cabelo.

Depois de designados às suas respectivas equipes de rachão, fomos para quadra para de fato começar a peleja e naquele ponto já era possível sentir o nervosismo de cada uma daquelas pequenas canelas. Antes do jogo começar, o olheiro tinha perguntado para todos qual a posição preterida e a resposta não foi nada surpreendente. Mais de 80% dos moleques queria ser o centroavante, dono da camisa 9, muito inspirado por grandes craques brasileiros como Ronaldo Fenômeno ou Souza Caveirão, pensando que jogando na parte ofensiva do campo seria mais fácil de ser percebido do que os demais.

Por acaso do destino ou pela vontade de finalizar rápido a peneira e voltar para casa, do olheiro em comando, eu fui abençoado e recebi a honra de poder usar a camisa de número nove e jogar como um atacante centralizado durante aquele joguinho. Porém como todo baú de tesouro pirata, o número nove não trazia somente glórias e alegrias, mas trazia também um peso colossal no jogador para que ele faça o que é esperado de atacantes, que são muitos gols.

Com o jogo começado, procurava me esgueirar entre os defensores para receber a bola e realizar o arremate final e devo admitir que no começo não foi fácil, com todos querendo mostrar serviço, o que mais foi visto na primeira etapa foram chutes bem colocados na canela do adversário, carrinhos prudentes visando uns tornozelos distraídos e “jogadas de corpo” prudentiais. Como centroavante, fui principal alvo dessas ações bondosas dos zagueiros e não consegui fazer muito para impressionar os treinadores no primeiro tempo. Sabendo disso, quando voltei a campo para o segundo tempo, adotei um pensamento de que deveria chutar em direção ao gol em todas as oportunidades que eu tivesse e logo que o apito foi

assoprado e o meu time tocaram algumas vezes na bola, fiz o que prometi para mim mesmo.

Deu certo, o primeiro chute foi parar no ângulo superior direito, bem entre a luva do arqueiro e o metal oxidado da forquilha. Depois disso, tive minha redenção. Atuando bem na minha posição e recebendo passes açucarados de meus colegas, consegui fazer um número impressionante de gols e assim ficando mais aliviado a cerca do resultado da peneira em si, focando mais na felicidade de jogar futebol.

Depois de terminada a peneira, fui para casa, contei tudo a meus pais e fui dormir feliz e com a camiseta suja de achocolatado. Na outra semana, soube por meio de amigos que o resultado tinha saído e estava na entrada da minha escola. Nesse momento, meu nervosismo não existia mais, depois da minha performance que obtive elogios de colegas e até do porteiro que observava o treino dos pequenos aquele dia, nada poderia dar errado.

Chegando na entrada, achei uma lista impressa com vários nomes, todos diferentes, mas também, todos com uma similaridade. Nenhum deles era o meu. Nesse momento, aprendi que, às vezes, vale mais uma decisão de não trabalhar com futebol do meu pai do que de fato acertar uma bola em um retângulo com uma rede.

FUTEBOL ENTRE DUAS CALÇADAS

João Pedro da Silva Souza

Esses dias saí na rua para tomar um ar e esquecer um pouco a pressão e ansiedade produzida pela faculdade, estava tendo um jogo de futebol na rua, meu cérebro desligou e comecei a reviver meus 10 anos de idade.

Naquela época, a minha maior preocupação que eu tinha era a chegada dos fins de semana, apesar de brincar todos os dias depois da aula, os fins de semanas eram verdadeiras maratonas esportivas. A verdade é que nem todas as semanas eram iguais, haviam aquelas semanas dos contras e essas eram as mais esperadas.

Estávamos a duas semanas sem ganhar da rua de baixo e na próxima, além do jogo, foi combinado que o time perdedor daria 1 real por jogador ao time adversário. Haja ansiedade! Nunca houve semana tão longa quanto àquela, nunca houve tantas borboletas no estômago como naquela ocasião.

Sabíamos que tínhamos que ganhar, foram 6 dias de estratégias, táticas e planos de jogo, nem Guardiola ou Mourinho seriam capazes de resistir ao nosso plano de jogo, eu era reserva e tinha uma péssima relação com a bola, mas faria de tudo pra não perder.

Era domingo. Era o dia! O jogo era fora de casa e a turma inteira se reuniu ao meio-dia para ir ao jogo, a algazarra e euforia foi se silenciando conforme os passos eram dados na direção da rua de baixo, a rua do adversário. Atravessando de uma rua pra outra não tinha mais volta, o rubicão foi transposto a única opção era vencer.

O jogo iria começar as 13h e as regras eram claras: 2 pares de chinelos para as traves, uma bola para o jogo, as calçadas eram as linhas laterais, um time ficava sem camisa e acabava quem marcasse 5 gols primeiro. O dinheiro ficou na posse do juiz e o jogo estava prestes a começar.

O jogo começa e tomamos 2 gols relâmpagos, em menos de 10 minutos, sabíamos que perderíamos. Nessa hora passa um caminhão na rua, uma parada técnica não prevista, redefinimos uma nova estratégia e mudanças no time, eu fui escolhido para ser um dos reservas a entrar em campo, conseguimos virar o jogo e graças aos deuses do futebol fui agraciado com o quinto tento.

EU SOU O HERÓI. Pompeu perdeu a luta e voltamos para casa como vencedores, o dinheiro rendeu refris e salgadinhos, mas nada foi tão bom como ter ganhado sendo protagonista, o gozo do campeão. Até hoje quando marco gols posso sentir essa sensação.

Quando me dei conta o jogo que estava assistindo acabou e eu nem sabia o placar final, perguntei pra um dos meninos do time sem camisa quanto fora, triste, me respondeu que tinham perdido de zero. Voltando pra casa percebi que talvez nem todas as crianças trocaram a rua pelos computadores e celulares. Talvez o esporte ainda tenha chance contra a tecnologia.

CADA UMA NA SUA

Luana Kaplan Fernandes

Foi no antigo Estádio Marcelo Stéfani, atual “Nabizão”, em Bragança Paulista, que assisti meu primeiro jogo de futebol ao vivo. Estávamos, eu e minha irmã, brincando na pracinha da cidade quando meu pai chegou e disse que havia comprado os ingressos.

Fiquei, não nego, um pouco desapontada. Tinha convicção que esse momento tão especial em minha vida ocorreria na Vila Belmiro, que me uniria à torcida cantando a plenos pulmões o nome dos jogadores e o hino que eu, aos meus 6 anos, tinha batalhado para decorar.

Bom, digamos que não foi como o planejado. Não sabia quem eram os jogadores, não conhecia o hino, nunca havia ouvido falar do time adversário, mas tinha algo familiar, algo que foi suficiente para que eu decidisse que levaria a sério o jogo que estava indo assistir: o escudo.

O escudo era quase o do Santos, bastava tirar umas listras, adicionar umas estrelas, mudar o nome. Achei suficiente. Estava, na minha cabeça, torcendo pelo Santos, estava na Vila Belmiro, e não tinha ninguém que pudesse me convencer do contrário.

Eu não tirava os olhos do campo, observava como os jogadores corriam sem parar, como conversavam e gesticulavam entre si, como a bola viajava de um pé a outro. Escutava meu pai comentar lances com os desconhecidos ao nosso lado como se fossem amigos de infância.

E minha irmã no meio disso tudo? Diz meu pai que passou o tempo inteiro de costas para o campo. Não tinha interesse nenhum no jogo. Queria ver as reações da torcida, olhar como gritavam, descobrir quem puxava as músicas, analisar cada um que estava ali. E, é claro, queria também ser a primeira a avistar a “moça do churros”, ou o “moço do picolé”, percebendo que durante o jogo tudo estava liberado.

Sáímos de lá extasiadas. Eu com futebol, ela com a torcida e a comida. Eu disse a meu pai que queria ir a mais jogos, pensando que ver meu time pela televisão era pouco perto do novo mundo que havia se aberto pra mim. Ela disse que tinha visto uma sorveteria perto da pracinha que brincávamos antes.

Quatorze anos se passaram. Hoje vou à Vila e ao Pacaembu com meu pai. Ela sai para jantar com ele durante a semana.

GUARATINGUETÁ

Lucas Fernandes Carvalho

O ano era 2008, eu com 8 anos até então, acompanhava ansiosamente o Campeonato Paulista de Futebol. Porém, meus olhos brilhavam não pelo meu time do coração, mas pelo time da minha cidade. O atual “Campeão do Interior” (2007) Guaratinguetá. Era o orgulho da cidade de 110 mil habitantes, que lotava o estádio Dario Rodrigues Leite que tem capacidade de 16 mil pessoas. Em dia de jogo a cidade parava, pois mais de 10% do total dos moradores da cidade se encontravam no “Ninho da Garça”. Nessa época, o time trazia orgulho para um povo que se sentia representado pelos jogadores.

A campanha em 2008 não poderia ser mais convincente, o embalado “Tricolor do Vale” emplacou logo na sétima rodada uma vitória surpreendente em cima do Palmeiras, futuro campeão daquele ano. O time da capital que tinha astros como Marcos e Valdivia no elenco, além do técnico Vanderlei Luxemburgo, perdeu “em casa” (Pacaembu) por 3x0, nesse momento percebi que poderia depositar minhas esperanças. O campeonato continuou e o “Guará” terminou a primeira fase do campeonato se classificando em primeiro lugar com 40 pontos, empatando com o Palmeiras que tinha uma vitória a menos. Assim, se deu início a fase mata-mata onde nos deparamos com a Ponte Preta na Semifinal.

O jogo de ida em Campinas a Ponte garantiu a vitória simples de 1x0, deixando em aberto o jogo de volta no interior do Vale. Com casa cheia, o Guaratinguetá saiu na frente com um gol aos 25 minutos com um dos craques do time “Nenê”. Porém, logo dois minutos depois a Ponte empata e complica a situação. Ainda no primeiro tempo o Guará tem um pênalti a favor a ser cobrado, assim tendo a possibilidade de prorrogar a decisão para um tempo adicional. Entretanto como pênalti mal marcado não entra, o camisa 10 do time faz uma cobrança a meia altura para a alegria do goleiro Aranha que espalma pra longe. Mesmo com a oportunidade perdida o time não desistiu de correr atrás do placar. No início da etapa final, aos 12 minutos, o lateral Eduardo Arroz é expulso, assim o time da casa teria um jogador a mais pra buscar a vitória. O que não esperávamos era uma atuação excelente do goleiro Aranha que fechou o gol fazendo defesas espetaculares, e mais uma vez citando ditados do futebol, “quem não faz leva”. Após uma lambança da zaga o Guará leva o segundo gol aos 33 minutos, acabando com todo sonho e esperança que foram depositados em um time que não só jogava futebol, mas encantava e alegrava a cidade.

Depois de se classificar pra final a Ponte Preta ainda perderia os dois jogos para o Palmeiras, 1x0 em Campinas e 5x0 em São Paulo, aumentando ainda mais a frustração e trazendo o pensamento que se fosse o Guaratinguetá na final as coisas seriam diferentes. Certamente essa não é a única decepção que tenho no futebol ou no esporte em si, mas com toda certeza marcou não só minha infância, mas meu jeito de encarar o futebol, que por mais que seja um espetáculo, às vezes, pode ser cruel. Entretanto uma coisa é certa, jamais me esquecerei desse time que deu tantas alegrias a mim e ao povo da minha cidade.

O FUTEBOL E SUA MAGIA

Lucas Goulart Alves

Muitos dizem que o futebol imita a vida, e eu não discordo. Histórias de superação, vitórias, derrotas, recuperações e tudo o que pode se comparar ao nosso cotidiano e nossas batalhas diárias. Mas eu sempre preferi dizer que o futebol se parece mais com os contos de fadas, pelo menos em parte, e aqui vai uma das minhas histórias preferidas, em que eu mesmo era um dos personagens e que ficou marcada como uma bela lembrança de minha adolescência.

Até o final do Ensino Fundamental eu pertencia a um pequeno colégio. E quando digo pequeno, é bom que levem a sério. A minha sala tinha apenas 12 alunos, e só isso já dá uma noção de que não tínhamos grandes emoções referentes à prática esportiva. Aulas de Educação Física desanimadas, a hora do recreio pior ainda. Ter dois times de salão completos para bater uma bola já era motivo de comemoração. Imaginem então nos campeonatos que a escola tentava jogar. Eu, que sempre gostei de ser competitivo, não me conformava com a satisfação dos outros em apenas participar. Não havia chance nenhuma de ganhar uma partida, quiçá um campeonato.

Mas no Ensino Médio as coisas foram mudando. Entrei em um grande colégio da cidade de São Paulo, com forte tradição no esporte como um todo e com uma frequência absurda nos pódios das competições. Fiquei encantado e aquilo para mim parecia um sonho. Me senti, em um primeiro momento, como a Alice no país das maravilhas. Além de campeonatos oficiais, também tinham os famosos campeonatos internos e os interclasses. O preferido de todos, por unanimidade, era o Interpanelas. Basicamente consistia em montar um time da forma que bem entendesse. Podia chamar amigos de outros anos, inventar um nome, fazer um uniforme e tudo mais.

Quando estava no 1º ano eu não participei. Ainda estava me sentindo tímido demais e, não vou mentir, um pouco intimidado com a atmosfera que era criada. Muitas rivalidades entre as equipes, principalmente com os futuros formandos do ano. Torcidas que levavam bandeiras, faixas, bexigas e faziam um barulho danado no ginásio. Era um verdadeiro caldeirão!

Já no ano seguinte, me sentindo mais confiante e familiarizado com o ambiente, formei um time com alguns colegas. Sabíamos que não éramos nem de perto os melhores, e que as chances de ganhar eram baixas. Mas era tão empolgante jogar... A ansiedade que tomava conta de nós nas aulas que antecediam a hora do recreio, vulgo hora do jogo; a sensação em chegar o momento e descer todos juntos, como um time de verdade, ao ginásio; a preleção que fazíamos; o frio na barriga em jogar contra times melhores e também de saber que alguém que você podia gostar estava lá na quadra te assistindo.

E nunca me esquecerei da nossa conversa antes da estreia. Nos comparamos à história do patinho feio. Todos sabiam que havia times muito melhores que o nosso, mas sabíamos também que não éramos tão ruins assim a ponto de não conseguir ganhar um jogo que fosse. Perdemos

o primeiro, e o sonho em se classificar para os mata-matas já estava distante. O segundo jogo empatamos. Mas o time teve uma atuação quase perfeita, faltou a sorte ao nosso lado. A partir do terceiro jogo, a história do time no campeonato começou a se parecer cada vez mais com um conto de fadas. Após dois resultados ruins, que poderiam caracterizar todo o sofrimento que existe durante um conto, antes que tudo dê certo e se tenha um final feliz, a sorte começou a mudar. Nosso time ganhou o terceiro jogo, mas ainda precisava de uma combinação incrível de outros três jogos para passar. E essa mágica acabou acontecendo.

Passamos então a acreditar mais ainda nos contos. Mudamos agora para o da Cinderela, e começamos a achar que a abóbora podia de fato se transformar em uma carruagem. A confiança era tanta que passamos sem problemas para as semifinais. Esse próximo jogo era difícil, pois éramos o único time entre os quatro finalistas que não pertencia à série dos formandos, vulgo 3º ano. O nervosismo ficou evidente e tomamos dois gols logo no início. Tínhamos a maior parte da torcida contra e uma virada parecia improvável naquele contexto e atmosfera. Mas ela veio. Marcamos três gols e tomamos conta do segundo tempo. Parecia mágica, como em um conto de fadas, de novo, em que tudo pode acontecer até alcançar o final feliz.

A final seria a consagração para nós. Estávamos completamente felizes de chegar tão longe, de saber que estávamos entre as zebras e que ainda tínhamos o papel do patinho feio. Será que a abóbora finalmente se transformaria em uma carruagem? Não. Perdemos por pouco, mas perdemos. E talvez hoje em dia eu dê mais razão a quem fala que o futebol se parece mais com a vida.

O INÍCIO DE UMA NOVA PAIXÃO

Lucas Jai Ho Choi

Era julho de 2002. A alegria e euforia das férias escolares foi diferente neste ano. Como toda criança, as coisas que mais importavam durante a recessão escolar eram as viagens em família e “bater” figurinhas dos jogadores de futebol, sendo que alguns eu nem conhecia. Mas havia um clima diferente, talvez porque fosse a primeira copa do mundo de uma criança que está começando a conhecer o mundo como gente. Lucas tinha exatos 7 anos de idade na Copa da Coréia e do Japão de 2002, um marco histórico em sua vida.

Filho de imigrantes coreanos, não sabia ainda qual era sua real identidade. Brasileiro ou coreano? Pois bem, as seleções do Brasil e da Coréia do Sul afirmaram que é possível ser brasileiro E coreano. Havia uma mistura de emoções, na qual:

- (i) A torcida e energia que Lucas via nas pessoas eram muito contagiantes;
- (ii) O cabelo do Fenômeno era o mais TOP de todos (obs.: “pena” que sua mãe não permitiu tão lindo corte);
- (iii) As incríveis (e/ou injustas) vitórias da Coréia do Sul sobre potências mundiais do futebol influenciavam até dentro de casa;
- (iv) Por fim, o título mundial brasileiro mostrou o poder de uma sociedade, que se tornou mais alegre e vibrante após o penta.

Fato é que o futebol virou sinônimo de alegria, euforia, adrenalina e emoção. Em outras palavras, PAIXÃO! Desde então, o estilo de vida do Lucas mudou, além de seus objetivos e ambições. Na escola, a maior preocupação era se teria futebol na educação física; em casa, o melhor canal era o de esporte (e depois desenho); com os amigos, a melhor diversão era o futebol e, nos sonhos, queria ser como Rogério Ceni ou Kaká.

Esse foi e é o poder de uma copa do mundo, na qual vidas são completamente transformadas, países são movidos, corações são acelerados e paixões são criadas.

SENTIMENTO ALVIVERDE

Luiz Filipe Gonçalves Silva

Desde de pequeno fui fã de esporte, sempre acompanhei futebol e joguei, mas nunca tive uma posição totalmente definida sobre um time. Em 2007 vivia uma situação complicada, era torcedor do Corinthians, um time sem muita qualidade técnica, na verdade, com quase nada. O time contava com nomes que são motivo de gozação até o período atual, como Finazzi, Betão e o goleiro Felipe.

Não existia paixão pelo time, muito menos um sentimento grande, simplesmente torcia por torcer.

A cada resultado me pesava ver aquele time, até que meu pai, palmeirense, que sempre respeitou a minha posição (até me deu uma camisa do Corinthians, mesmo que contra sua vontade), começou a me influenciar a mudar de time, contava grandes histórias sobre um maravilhoso time de 1996, que fez 102 gols em um campeonato paulista, a Máquina Alviverde.

A partir desse momento, comecei a pesquisar e conhecer melhor o Palmeiras, mesmo sem ganhar títulos em 2007, ia bem no Brasileirão e frequentava o antigo G4. Comecei a torcer para o alviverde e por consequência, fiz a alegria do meu pai. Esse ano ganhei algumas camisas, não só uma como quando eu era corinthiano.

Até que chegou 2008, continuava sem um grande amor pelo time, mas já havia um sentimento.

Começa o campeonato paulista, Marcos, Kleber, Denilson, Alex Mineiro, Diego Souza e meu favorito na época, Valdivia. Assistia a maioria dos jogos, comecei a me apaixonar pelo time e inteirar mais da linda história do time. Até que chega a final, nunca tinha comemorado vitórias em campeonato por um time, até essa, 5x0 na final, que dia maravilhoso.

Após esse momento, tornei verdadeiramente palmeirense, senti muita felicidade com a vitória e real paixão por aquele time.

UMA QUARTA DIFERENTE DE TODAS AS OUTRAS DA HISTÓRIA

Matheus Fernandes Ramirez

Sempre guardarei na memória aquela incrível campanha do Santos na libertadores de 2011, principalmente aquela incrível final no Pacaembu, onde vencemos por 2 a 1, com um belo gol do, na época, menino Neymar que era só contestado pelas atitudes dentro de campo e não fora dele, como hoje em dia.

Bom, mas falaremos de coisas boas, como aquele frio na barriga que todo torcedor fanático sente antes de uma decisão, como se sua vida fosse se decidir naqueles 90 minutos. Bom para mim, naquela quarta-feira, era sim como vida ou morte, carregava lembranças de uma criança que, ainda muito jovem para entender todo o contexto, viu seu time perder uma final de libertadores em 2003. Me recordo de ver o jogo sentado no sofá ao lado do meu pai, nunca havia o visto tão tenso, como ele sofreu assistindo aquele jogo contra o Boca Juniors.

Não podia passar por aquele mesmo sentimento que meu pai havia passado, será que meu time de coração, aquele esquadrão de branco formando por jovens que hoje jogam pelos maiores clubes europeus e veteranos que hoje são ídolos do clube iriam falhar como aqueles que jogaram em 2003.

Naquela época estava próximo de completar 13 anos, período da vida onde você esta se tornando um torcedor fanático, não me entenda mal, nascemos apaixonados por futebol mas quando crianças não temos paciência para ver os jogos, no máximo paramos para assistir os melhores momentos de grandes jogos, como o Barcelona de Ronaldinho Gaúcho e o Real Madrid de Ronaldo Fenômeno, mas no fundo só queremos é jogar, esperamos a aula de educação física para jogar bola com os amigos da sala, esperamos o recreio para jogar contra as outras turmas do colégio e para mim principalmente, aos domingos, ir ao clube do bairro jogar com os amigos da rua contra garotos que nunca havia visto antes e que provavelmente nunca os veria novamente, como agradeço meu pai hoje por me levar lá todos os fins de semana, são essas lembranças de minha infância que vou levar para a vida inteira.

Aquela tarde de quarta-feira parecia nunca ter fim, aquele jogo nunca começava, a agonia me corroia, como eu entraria na sala no dia seguinte, de peito estufado todo feliz vendo meus amigos e pensando como iria fazer para desfrutar daquele sentimento de campeão ou todo cabisbaixo, pois sabia que iria ser zoadado por todos da turma, a final sempre fui o único santista.

–Golllllllllll, é gol pai – eu gritava enquanto corria pela casa atrás de meu pai que assistia o jogo em outro quarto da casa. Não há quem se segure nesse momento, emoção pura, seu time a um passo de conquistar um titulo que a muito tempo não ganhava, impossível de se controlar.

Mas havia muito jogo pela frente, era hora de se acalmar para o restante da partida, não estava nada decidido. Depois de um certo tempo Alex Sandro ampliou o placar, nesse momento o Pacaembu explodiu, será mesmo que seria tão fácil?

Infelizmente não. Quer dizer, depende do ponto de vista, para aqueles que queriam contar uma história emocionante no dia seguinte ótimo, para mim parecia que o passado estava voltando para me assombrar. A noite ainda guardava muitas emoções, após o gol contra de Durval eu entrei em desespero, como poderia meu time tomar uma virada a essa altura? Estávamos jogando tão bem, será que um apocalipse iria acontecer?

Novamente respondo não para essas duas perguntas, o Santos continuou amassando o adversário, perdendo chances incríveis de gol, poderia ter acabado 4 a 1 para nós, mas o placar se manteve, 2 a 1 e o título de maior time das américas, Campeão da Libertadores.

Finalmente o grito de campeão, a tanto tempo preso havia saído. Não dormi direito a noite, na verdade nem dormi, como poderia diante do que acabara de acontecer. No dia seguinte poderia ter faltado no colégio, mas nunca que iria perder a chance de entrar na sala e ver a cara de meus amigos após o título. Inesquecível, me lembro de alguém falando “Aee Ramirez, parabéns velho!”. Sim, naquele momento eu era velho, eu era um idoso, eu era um jovem de 80 anos feliz, a final para os rivais os santistas já nascem praticamente aposentados, mas aquele troféu a mais na galeria lotada da história da Vila apenas os mais velhos comemoraram.

LIBERTADOS

Nathalia Giannetti Vieira da Silva

O futebol foi um esporte constantemente presente em minha vida. Ele sempre esteve lá, seja na forma de brincadeira de criança ou através do convívio familiar. Acompanhava algumas partidas com meu pai, mas, naquela época, o conhecimento que tinha das regras resumia-se a “o objetivo do jogo é fazer a bola entrar no gol”.

A primeira memória nítida que tenho dessa modalidade esportiva corresponde a origem do meu real interesse pelo futebol. Essa lembrança aconteceu em 2012, mais especificamente no dia 04 de julho. A partida que definiria o vencedor da Copa Libertadores da América começaria às 21h45 daquela noite. Eu, é claro, tinha enorme preferência pela vitória alvinegra, pois cresci em uma família corintiana e assistia ocasionalmente os jogos.

Mesmo estando há mais de 20 km do Estádio do Pacaembu, era possível se sentir contagiado pela vibração das arquibancadas. A “saudosa maloca” estava cheia e o grito da torcida quase abafava a voz do narrador. O tão distante bairro de Interlagos, onde morava na época, também estava animado. Desde cedo, o barulho de fogos de artifício já era ouvido.

Os primeiros minutos foram agonizantes. Os *hermanos* tinham um desempenho levemente melhor e a tensão preenchia a sala de casa. Ao longo do primeiro tempo, o time do Parque São Jorge melhorou, mas a inquietação permaneceu. A cada lance, eu aprendia um pouco mais sobre o futebol. Aquela batalha travada no gramado não era apenas acertar o gol. A emoção contagiante havia me unido à torcida. A angústia pela vitória também passava a ser minha.

Foi na segunda etapa da competição que a ansiedade se transformou em festa. Os argentinos cozinhavam a partida, mas, aos 8 minutos, Emerson Sheik mudou o rumo da partida. 1x0. Foi um barulho ensurdecedor: o estádio vibrava e gritos de alegria podiam ser ouvidos pelo bairro. Mas 1x0 nunca é vitória garantida. No jogo anterior, o empate havia saído nos momentos finais da partida. Foram 20 minutos de alegria e nervosismo misturados. Todos esperavam mais um gol. Sheik, novamente, ouviu as preces dos torcedores e anotou mais um para o placar. 2x0

O grito estava lá. As mãos estavam na taça. Mas ainda tínhamos que esperar. A cada minuto que se passava os cantos da torcida aumentavam. A cada defesa de Cássio, o famoso lema “Vai, Corinthians!” podia ser ouvido. A cada finalização do time, mais fogos de artifício eram soltos por toda a cidade. E, finalmente, aos 48 minutos, o árbitro deu o apito final. É campeão! Alguns esperaram uma vida inteira para isso, outros, como eu, estavam apenas no início de sua carreira como torcedores e mal entendiam a importância daquela “libertação”.

Foi ali que conheci a beleza do futebol. Foi quando aprendi o que significava torcer e como algo tão trivial era capaz de unir milhões de pessoas que nada tinham em comum, senão o amor pelo seu time.

MEMÓRIAS

Roberta Silva de Loureiro

Copa do Mundo. Todos devidamente caracterizados com suas blusas amarelas, ansiosos pelo jogo que se daria naquele mesmo dia, às 15h da tarde. Brasil e Bélgica, quartas de finais, Neymar, Tite, “vem hexa”, tudo ou nada, hino, cada equipe de um lado. Silêncio e soar do apito.

Bola rolando. O ano é 2018, mas a lembrança é de tempos atrás, quando eu era apenas uma garota. O apito e o nervoso durante as partidas, com o gol da Bélgica ou com a segurada de bola no escanteio de Ganso, na final do Paulista. O ano não me recordo com certeza, lembro-me apenas do coração batendo forte.

Isolei-me e, naqueles momentos, sabendo ou não as implicações da derrota, eu só conseguia pensar uma coisa: “por favor, Deus, que a gente ganhe”.

A súplica, inominada, considerando a minha falta de crença, refletia muito mais do que qualquer desespero ou ansiedade: refletia uma paixão. A cada toque na bola, uma pulsada forte no coração e um sentimento de que eu, no meu âmbito de promessas e superstições, poderia ajudar os tão distantes jogadores. Mas como eu, uma criança, poderia me afetar tanto com pessoas desconhecidas jogando futebol? Não deveriam ser apenas pessoas numeradas correndo?

Por algum motivo aquelas pessoas me representavam e eu me orgulhava e identificava com elas. É muito abstrato, é uma questão de pertencimento.

Desde nosso nascimento, somos bombardeados com fragmentos de histórias e culturas a que não nos dizem respeito diretamente, mas nos tornam parte de algo muito maior, nos identifica como nação e, em última esfera, como torcedores.

O apego ao esporte, principalmente quando nos referimos ao futebol, é mais do que o conhecimento técnico e de que a preferência por determinado treinador ou jogador. É parte do que somos e de quem nos relacionamos. É algo que nos dá assunto, opiniões e, mais que isso, sentimentos. Bola na trave de Neymar e acaba a partida. Bélgica classificada.

Os sorrisos, ora esperançosos, tornam-se amarelos, como as camisas que, lentamente, vão perdendo a cor. Os olhos se enchem de lágrimas e ocorre a catarse nacional. Não existe política, trabalho, desafetos. Existe uma massa de pessoas, unidas unicamente por uma paixão, por um esporte, que reagem como uma só. A partida acabou, a Copa e o Paulista acabaram, mas as marcas desses eventos, das uniões proporcionadas, essas não se apagarão.

FRUSTRAÇÃO PALESTRINA

Stella Gracia Plena Sol Colacique

A família da minha mãe é metade palmeirense e metade são-paulina. Minha mãe palmeirense, a irmã dela são-paulina. Meu avô palmeirense, minha avó são-paulina. Então quando eu era pequena, existia aquela disputa saudável para ver quem ia conseguir me fazer escolher um time. Acabou que eu sou palmeirense, e isso se deve ao meu querido avô. Filho de italianos, ele foi Palestra Itália desde que se deu por gente, vivenciou a torcida e os tempos de Parque Antártica até que sua perna ruim não o deixou mais subir e descer as arquibancadas. Então ele tornou os domingos sagrados, e não perdia um jogo do seu Verdazzo. E nesses rituais eu sentava com ele, embaixo do mesmo cobertor, pra ver o jogo de cada semana.

O jogo que mais me lembro ter visto com meu avô foi Palmeiras e Ponte Preta, pela final do campeonato paulista de 2008. Estávamos no interior, em uma chácara em obras. A televisão era pequena, daquelas que ficavam presas no canto da parede e o sinal estava ruim graças à uma antena mal posicionada. Mas tudo isso não diminuiu em nada o espetáculo que aconteceu no Parque Antártica.

O Palmeiras de Luxemburgo, com Marcos, Valdívia e Alex Mineiro, estava em tarde inspirada. Foram um, dois, três, quatro, cinco gols até finalmente o apito final e a certeza do grito de campeão. Meu avô passou dias falando sobre como o Palmeiras era o maior time do Brasil, e repetindo os gols da partida para quem estivesse disposto a ouvir. O Mago, ah o Mago... Meu avô nunca superou a saída dele do Verdão, e não viveu para ver sua não tão célebre segunda passagem. Mas como ele idolatrava esse homem, dizia que era o ídolo que o Palmeiras precisava, ele quem traria um novo título nacional.

O título de campeão paulista de 2008 foi o último que meu avô presenciou em vida. Em 2009 batemos na trave, e eu, ingênua, achei que com seus 82 anos de idade, meu avô não aguentaria sofrer essa perda que foi o título de campeão. Por que alguém continuaria acompanhando algo que traz tanta frustração? Não fazia sentido algum. Mas passou o verão, começou o campeonato paulista (chamado carinhosamente por ele de “paulistinha de meia tigela”), e lá estava ele de novo, torcendo como se o time dele tivesse acabado de levar a taça.

Acabou que meu avô não viveu para ver o seu Palmeiras ganhar a Copa do Brasil em 2012 e nem o Brasileiro de 2016, mas por outro lado não viu o segundo rebaixamento ou o retorno quase desastroso do seu precioso Mago. Ele nunca mais pisou no seu Parque Antártica, agora totalmente irreconhecível para ele, e nunca mais vai cantar sobre a “defesa que ninguém passa, linha atacante de raça”. Depois que ele se foi, eu achei que não teria mais graça, pra mim, assistir aos jogos, pois não teria mais meu querido avô italiano que iria do céu ao inferno e vice-versa em questão de alguns poucos lances de jogo. O que aconteceu, por outro lado, é que eu comecei a ver tudo o que desde criança ele tentou me mostrar sobre o futebol: a história por trás do time, a lealdade de ser torcedor, de ser palestrino, e principalmente que sim, existem frustrações (perder

um campeonato brasileiro em quatro rodadas não é para os fracos do coração), mas a emoção que o esporte proporciona faz valer qualquer desapontamento que venha.

Hoje o futebol faz parte da minha vida, e meu avô ganha todos os créditos por isso. Ele se foi anos atrás sem conseguir ver o retorno do seu Verdazzo às glórias, mas ele deixou em mim a herança da torcida que canta e vibra, na alegria e na tristeza, do título ao rebaixamento. Eu vivo a torcida, eu vou no estádio gritar e cantar, discuto jogos em mesas de bar, torço cada título e choro cada derrota. E assim vamos seguindo, sempre com os domingos sagrados de futebol embaixo do mesmo cobertor.

ENFERMIDADES

Thiago Ruiz Nunes

O despertar do menino interiorano na terça-feira, 12 de junho de 2018, foi conturbado. Era o primeiro dia dos namorados sozinho em São Paulo e, não bastante, o fim do semestre se aproximava e as famosas reprovações estavam por vir. Logo no início do dia percebi que precisava de algo para tomar conta de meus pensamentos e esquecer dos problemas.

Como de costume, assuntos dos mais variados fluíam na conversa com meu amigo soteropolitano durante a primeira aula do dia. Quando a Copa do Mundo da Rússia entrou em discussão, a euforia era tamanha que a aula de Macroeconomia assumiu peso menor do que o jogo entre Rússia e Arábia Saudita, que faria a abertura do mundial. O que realmente importava, nessa discussão que se estendeu até o almoço, era o placar do jogo da estreia. Apostei em 2x0 para Cheryshev e companhia, enquanto Duda consolidou um empate amargo em 1x1.

Durante o almoço, comparações entre a importância de Cheryshev para a Rússia e de Neílton para o Vitória, time de meu amigo baiano, trouxeram o assunto para o campeonato brasileiro. Às 21:00, haveria o embate entre Vitória e São Paulo no Morumbi e Duda estava animado para reencontrar sua equipe do coração após um bom período sem jogos na capital. Como o confronto entre meu Palmeiras e o Flamengo só ocorreria no dia seguinte, resolvi acompanhá-lo no jogo do Vitória. Logo lembrei-me dos meus momentos de infância quando meu pai me levava a variados estádios de futebol. O tempo estava bom e, acima de tudo, ocuparia minha cabeça com o futebol que tanto gosto, lembraria dos meus momentos de infância com meu pai e esqueceria a melancolia de se passar o dia dos namorados sozinho em uma cidade como São Paulo.

O tiro, em partes, saiu pela culatra. Logo no primeiro tempo, Nenê, ex-Palmeiras no ano do primeiro rebaixamento, fez dois gols que colocaram o São Paulo à frente no placar. Para piorar, uma chuva torrencial passou a atingir o estádio. Em resumo, a torcida visitante, comigo incluso, estava desamparada com o resultado, nervosa com o time e muito, mas muito molhada.

O resultado foi um despertar, na quarta-feira, com uma gripe insuportável, início de sinusite e a perda do jogo do meu time do coração, o Palmeiras, devido à uma visita ao hospital para sanar as enfermidades. Ao menos, esqueci do dia dos namorados e recordei dos meus momentos de infância com meu querido pai, que hoje me acompanha à distância.

A ENCARNAÇÃO DA CAMISA 9

Thomas Souza do Nascimento

Tinha 10 anos de idade. Por vezes achei que aquilo era desnecessário ou até mesmo cômico diante da opinião dos meus amigos. Costumávamos jogar futebol na rua. Nos barrancos. Na calçada. De preferência em um local que desse para chutar a bola na casa do vizinho. O futebol era, por ele mesmo, uma alternativa que nós, meros adolescentes, encontrávamos para nos divertir e esquecer de certo modo os deveres escolares e as extenuantes broncas dos pais. Nesse sentido durante a escola nós estudávamos pela manhã e, durante a tarde, nos debruçávamos exacerbadamente jogando futebol. Não minto, em média 5 (cinco) horas por dia. Um fato curioso é que, decerto, e é a principal ideia contida nesta crônica; é o dia em que eu tomei conhecimento do poder que uma camisa de futebol detinha.

Dada a contextualização, eu tinha uma camisa da seleção brasileira de futebol, modelo utilizado durante a copa de 2006, cujo número da camisa era a “9”. Sim àquela que simbolizou durante muito tempo o maior artilheiro em Copas do Mundo. O nosso Ronaldo Fenômeno. Àquele que ‘atacava’ os adversários sem nem pestanejar. Ah, Fenômeno, se você soubesse que eu praticamente tomava posse do seu corpo e das suas habilidades no dizer: “eu sou o fenômeno”. O aspecto cômico/ desnecessário que os meus amigos mencionavam era o da minha encarnação ao Ronaldo Fenômeno. Justamente porque ter a camisa dele me dava essa oportunidade. Não bastasse isso, a comemoração após a bola na rede era verossímil a de R9. Isso mesmo, apontava o famigerado dedo indicador para o alto. Ou, erguia os braços, simbolizando a icônica corrida com a bandeira brasileira depois de ter vencido a Alemanha na final da Copa de 2002.

A simples situação de se imaginar sendo o Fenômeno é no mínimo intrigante. Por que fiz isso eu não sei, mas posso imaginar que não tenha sido o único a realizar tal feito. Murtaza Ahmadi, o menino afegão de 6 (seis) anos improvisou uma camisa de plástico do seu ídolo Lionel Messi. Este é um exemplo claro de que eu não era o único que tinha esse imaginário. O que me causou estranheza nesse dia, nesse ano e em outras oportunidades. É que a medida que o tempo foi passando os meus amigos acabaram comprando paulatinamente camisas de futebol. O que antes era cômico virou uma satisfação. Assim é indubitável que os mesmos, assim como eu, viriam a ter encarnações do personagem, ou melhor, dos jogadores de futebol. Observar desse modo, o futebol, ou o esporte em geral, como uma oportunidade de me tornar no meu imaginário um jogador de futebol era o que me ‘mantinha vivo’. Às tardes, às noites, e às manhãs quando não tinha aula era sinônimo de diversão. A encarnação da camisa 9, por fim, fez-se presente em muitos anos da minha adorável infância.

A PRÓXIMA COPA A GENTE GANHA

Victor Madureira Ferrari

Até o amanhecer foi diferente, não lembro exatamente o porquê de eu dizer isso, mas tenho certeza de que foi, naquele dia tudo estava diferente, mais intenso, era óbvio que aquele seria o grande dia! O café da manhã estava mais saboroso que o normal, todos à mesa felizes e sorridentes, como em um comercial de margarina, as cores do ambiente muito vívidas, refletindo os raios solares que invadiam a janela. O canto dos pássaros, muito alegre, também podia ser ouvido, aquele certamente era o grande dia.

Era primeiro de julho de 2006 e em poucos momentos entraremos em campo contra a França, pelas quartas de final da Copa do Mundo. A seleção era um primor, o quarteto fantástico formado por Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano era imbatível, todos em ótima fase, e os outros jogadores não deixavam por menos, com certeza éramos os favoritos e iríamos ganhar aquele jogo, não havia dúvidas. O país em festa, as ruas coloridas com as cores da bandeira, o Brasil em êxtase para ver a seleção ganhar mais uma Copa.

Foi chegando a hora do jogo, todos deixando de lado o que faziam e indo cada um pra um lugar, qualquer lugar estava bom, desde que tivesse uma televisão ou um rádio, afinal o Brasil iria vencer mais aquele jogo, todos tinham de assistir aquilo. E começou o hino, o solo vibrando, 200 milhões de pessoas cantando juntos, ia começar a vitória do Brasil.

E começou o jogo, cada arrancada era acompanhada pela vibração de um povo, cada chute que passava raspando a trave era respondido com um sonoro “uuuuh” e cada defesa adversária comentada com palavras que não podem ser publicadas nesse tipo de texto. O coração a mil, metade do jogo já tinha se passado e o placar continuava 0x0, mas o Brasil ia ganhar, a cada minuto eu tinha ainda mais essa certeza. E assim se passaram mais alguns minutos até que a França teve uma cobrança de falta do lado esquerdo do campo. Zidane cruzou a bola na área, mas alguém ia tirar. Não tirou. O Henry vinha em direção a bola, mas alguém ia parar ele. Não parou. E quando ele chutou a bola, o Dida ia defender. Não defendeu. 1x0 França. Mas ainda faltava muito jogo, o Brasil ia virar, tinha que virar. Não virou. Acabou o jogo, Brasil fora da Copa, mas como? O Brasil ia ganhar, como que não ganhou?

Mas a vida tem de seguir, no dia seguinte parecia que não havia tido copa, tudo de volta ao normal, e apenas um pensamento assolava a mente de todos os brasileiros:

“É... Em 2010 a gente ganha”

GRITO SILENCIOSO

Walter Ferreira de Oliveira Neto

Manto vestido, cara pintada. Neste dia, era obrigação chegar três horas antes, afinal, haviam anos que o Serra não prometia encher daquela maneira. Duas horas para o jogo e as arquibancadas e cadeiras já estavam tomadas. Por segurança, a torcida argentina ainda não havia entrado. O estádio estava superlotado. A situação era tão crítica que, pela primeira vez em meus 13 anos, a geral do Serra Dourada foi liberada para o conforto dos torcedores.

O espetáculo na arquibancada estava completo. Faltava o espetáculo dentro das quatro linhas. Era o jogo mais importante de um time goiano que aquele gramado já recebera. Um título internacional nunca esteve tão próximo. Mas a batalha não era fácil. Havia um time de catimbeiros pela frente, que conhecem o futebol sul-americano como ninguém. Era o maior campeão da Libertadores contra o maior campeão do Goianão. Porém, quem torce para o Goiás sabe que o improvável sempre bate na porta da Serrinha. Afinal, estávamos rebaixados no Brasileirão mas presentes na final da Copa Sulamericana de 2010. A falta de lógica e o artilheiro Rafael Moura eram o que nos faziam acreditar.

Não deu outra. No primeiro lance um improvável, após um bate e rebate, a bola cai no pé de quem sabe colocar ela nas redes. Pouco tempo depois, o renegado da torcida também teve seu momento de glória nos braços da galera. Rafael Moura e Otacílio Neto marcaram antes da metade do primeiro tempo. O jogo continuou com mais lances, porém agora desperdiçados. Continuou com o placar sendo administrado para o jogo de volta. Continuou com muitas, mas muitas músicas saindo das milhares de vozes nas arquibancadas.

Não era mais um jogo que eu saía sem voz. Era o jogo que eu continuava gritando sem emitir um ruído. O título era nosso. Não tinha como perdermos. Apenas com uma –improvável - tragédia o Goiás não seria o primeiro campeão internacional do Centro-Oeste. Mas ela bateu na porta.

NÃO GOSTE DE FUTEBOL, AME-O

Willian Gomes Alves

Em um dia ensolarado de verão decidi dar uma volta por São Paulo, após passar pelo centro e ver todo calor e euforia das pessoas, fui até o Ibirapuera em busca de um pouco de paz. Ao chegar em uma parte bem tranquila do parque, me deparei com algo que me fez lembrar um momento muito especial na minha infância.

Depois de me sentar na grama observei um pai jogando futebol com seu filho e dizendo: “Filho você tem que ter amor à camisa que está vestido”. Ao ouvir isso lembrei de quando comecei a amar futebol.

Era 4 de julho de 2012, acordei tarde sem preocupações, pois estava de férias. Estava feliz porque naquela quarta-feira era dia de jogo do Corinthians, mas na minha mente era só mais um jogo, mais uma final e eu já tinha visto varias mesmo, então do que importava tanta animação da minha família e amigos. No entanto, eu ainda não sabia o que era torcer de verdade.

Tomei café como de costume, almocei, e durante todo o dia os jornais e programas não falavam de outra coisa, “jogo do Corinthians”, “final da libertadores”, “será que hoje a piada será exorcizada?”. O jogo seria à noite, então no final da tarde todos já estavam preparados, com os quitutes na mesa, os foguetes comprados e as camisas vestidas.

Às 21h50 o jogo começou, nesse momento também despertara um sentimento diferente em mim, mas tudo bem, era um simples nervosismo. Porém, a cada toque a cada chute a euforia e a emoção aumentava, e, aos poucos, fui percebendo, o que estava acontecendo ali não era mais uma partida do meu time, não era mais um campeonato, era o meu Corinthians disputando a Taça Libertadores da América, era o sentimento de toda nação corintiana, toda emoção da minha família depositada naquele jogo.

O primeiro tempo terminara zero a zero e nada estava decidido, todo se encaminhava para muita emoção e sofrimento no segundo. E foi assim até o final, mesmo com Emerson Sheik fazendo dois a zero a nosso favor o jogo não estava fácil, afinal, “se não é sofrido, não é Corinthians”. Mas finalmente, ao soar o apito final, o sofrimento veio a baixo e a emoção subiu onde nunca poderia ter imaginado, os gritos, os pulos, os abraços, os choros... Naquele momento eu descobri e senti o que era amor a camisa, amor ao futebol, amor ao Corinthians.

II. AMOR PELO ESPORTE

MEU INÍCIO

Alissa Satomi Wada

Hoje, novamente, escutei de meus colegas os resultados do Brasileirão, e antes, os comentários dessa última Copa do Mundo. Sinceramente, esse não é um assunto pelo qual me interessa, quem ganha ou quem perde não importa muito. Lembro-me, apenas, de jogar na minha infância e da minha admiração, e esta não pelo esporte, mas sim por uma pessoa.

Brincar com meu Tio e tentar ter a mesma maestria que ele, coisa banal. Todos seus sobrinhos tentaram o mesmo. Primeiramente, destaco a nossa incapacidade ou falta de treino, em contrataste com o talento do meu tio, que poucos anos depois seria atacante do Sub-15 do São Caetano, e conseqüentemente, jogador do Sub-17 desse mesmo time. Chegou a ter destaque como jogador, mas como muitos, uma lesão interrompeu seu sonho. Ainda assim, joga aos fins de semana e acompanha todos os jogos do “Timão”.

Recordo dos inúmeros treinos, jogos, peneiras e campeonatos, e igualmente, lembro-me das suas dores no joelho e de sua frustração. Não havia uma falta ou atraso na prancheta do Treinador. Nem a chuva, nem a dor o faziam parar. Acredito que aprendi o significado de motivação naquela época.

Como resultado da minha admiração, resolvi fazer o mesmo. Comecei aos meus nove anos a praticar o futebol na fundação local, também influenciada pelo interesse do meu irmão mais novo, sem resultados. Eu, menina, não tinha vez naquele time, e meu irmão era muito novo. Tentamos então mudar, começamos a praticar capoeira, sem interesse algum.

Aos onze, por influência de alguns familiares, começamos a praticar judô e natação. E pela praticidade, os treinos eram uns seguidos dos outros. A natação foi importante, mas o judô se destacou na minha vida. Cheguei até a faixa azul escura, se não me engano, essa seria a quarta faixa graduada no judô, e me destaquei em duas competições realizadas na cidade de Ribeirão Pires, infelizmente, nessas cheguei apenas ao Terceiro lugar.

Não me frustrei com as competições, pois meu foco sempre foi treinar, até mesmo as diversas quedas e os golpes eram, de alguma forma, prazerosos. Aos dezessete parei de praticar, pois era difícil conciliar na rotina a faculdade e as obrigações junto aos treinos. Atualmente só acompanho as competições de judô e tenho brincado com meu namorado de badminton, aos fins de semana, sem quadra, só uma rede. Obviamente, nenhum dos esportes citados tem relação com o futebol que citei inicialmente, porém, sem este, certamente não teria praticado os demais ou me interessado. Mesmo que muitos digam que nem todo brasileiro gosta de futebol, seguramente, inúmeros foram influenciados por ele.

AMOR AO PRIMEIRO TACKLE

Ana Paula Costa

2015 o ano que eu conheci o melhor esporte do mundo, pelo menos na minha percepção. Este mesmo ano eu entrei na faculdade, mais especificamente na USP. Estava encantada com a universidade, com o ambiente novo, novos amigos e foi aí que eu conheci a atlética. Basicamente a atlética é uma entidade que apoia e organiza todos os times da faculdade. A Atlética no primeiro dia como caloura me apresentou todos os esportes que eu poderia estar fazendo parte. Tinham todos os esportes mesmo: futebol, vôlei, basquete, natação, atletismo, basebol, softball, xadrez, tênis de mesa e rugby. Rugby? Eu mal sabia o que era rugby, tinha noção que era parecido com o futebol americano mas não tinha ideia o que era esse esporte porém, me chamou atenção. Me inscrevi no rugby e fui para o meu primeiro treino com todos os calouros da faculdade.

Treino de rugby, que experiência. Tinha mais ou menos 85 pessoas que nunca tinham tocado em uma bola de rugby, não sabiam nenhuma regra e nem ao menos como se jogava. O treino foi muito dinâmico, muita correria, passes e muito erros também porém, muito divertido. Os veteranos foram muito pacientes, ensinaram tudo do básico e falaram um pouco de regras e mostraram o que todos queriam ver: um tackle. Um tackle é basicamente um dos movimentos básicos do rugby. É quando você entra em contato e coloca seu adversário ao chão. Parecia agressivo, mas os mais experientes diziam que o contato era questão de técnica e não machucava. Ali começou o meu sentimento por esse esporte aflorar e então depois de um mês treinando para jogar o bichusp, decide de fato fazer parte do time.

O time de rugby feminino era sensacional. As meninas do time eram super simpáticas e acolhedoras. Elas me fizeram me sentir bem e parte do time como uma peça fundamental, mesmo não sabendo ainda jogar direito. Treinávamos 2 vezes por semana e a cada treino me interessava mais pelo esporte e queria entender melhor como se jogava. Fui aprimorando minhas habilidades, mas nunca tinha de fato jogado uma partida oficial, só havia treinado. Até que chegou o dia, tínhamos um campeonato e eu iria entrar em campo pela primeira vez. Era o *Economiadas* que estava chegando e fomos todas para cidade de Americana.

Nessa cidade, estava acontecendo os jogos universitários. E eu estava lá, com medo mais ao mesmo tempo ansiosa para o jogo de rugby feminino. Fomos para o campo que ficava perto do alojamento que estávamos. Primeiro jogo era o meu time contra o time do Mackenzie. Eu lembro exatamente daquele jogo. Em campo, nosso time estava defendendo, ou seja, tínhamos que fazer o tackle nas meninas do Mackenzie. Quando a bola chegou para a menina que estava na minha frente, eu fui em contato a ela para dar o meu primeiro tackle, o real contato do rugby. E assim que eu dei o tackle, aí virou paixão esse esporte. Foi amor ao primeiro tackle.

O CAMPEONATO CHAMADO VIDA

Andre Vinicius de Oliveira Camellini

Discorrer sobre alguma experiência minha com o esporte seria fácil, se não fosse tão difícil. Parece óbvio, como dois mais dois são quatro, mas diria que é um óbvio diferente, por exemplo, a derivada de uma função constante é zero, e existem muitas funções constantes, quase a mesma quantidade de vezes que o esporte foi presente em minha vida. Porém, assim como no cálculo, existe a diferente, preciosa, amada, cuja importância é inigualável – Futebol e Vôlei – faço o aposto para enaltecê-los e a letra maiúscula para tratá-los com a devida importância, mas sem dúvidas, há alguém mais importante.

Treze de agosto de 2007, às 9h20, o sinal anunciando o fim do intervalo toca e me dirijo à sala de aula da 4ª série quando sou abordado e convocado pela Terê, professora de educação física da escola, para participar do campeonato municipal de futsal sub 12. Aquela empolgação, animação e euforia logo ao ouvir a notícia. As semanas passaram e veio o tal campeonato e lá estava eu, no gol, me sentindo o São Marcos em 2002. Primeiro jogo começa, junto com ele vem a decepção, perdemos por seis a dois. Segundo jogo é logo em seguida, autoestima abalada, tudo o que mais queria era um chuveiro quente e uma televisão.

Resultado, goleamos, vencemos por 4x0. Era a última partida do dia. No outro dia teríamos mais uma partida e, caso ganhássemos, iríamos para a semifinal que seria no mesmo dia. Mesmo desacreditados, fomos para a partida e acabamos vencendo tanto a partida da fase de grupos quanto a semifinal e então surgiu o novo desafio: vencer do time que tomamos a goleada na primeira partida para nos tornarmos campeões. Poderia dizer aqui que jogamos como nunca, dribles, finalizações certeiras, gols olímpicos, mas não foi o que aconteceu, perdemos de cinco a zero. Saímos tristes, desconsolados, fomos para a Kombi do colégio que estava estacionada na porta do ginásio municipal de Jaguariúna, entrei emburrado, dando socos no ar e tapas no banco, logo atrás de mim vinha a Terê, que ao ver minha birra chama minha atenção e fala olhando no meu olho algo parecido com “Você pensa que é o que? Você perdeu, aceita, você acha que sempre vai ganhar? Você falhou, seus amigos falharam. Ponto final, peça desculpas a seus colegas e admita seus erros.”. Lembro que na hora concordei por medo, e com má vontade pedi desculpas, mas por dentro não aceitava, não aceitava que eu tinha errado. Após algum tempo, e após várias situações parecidas, fui pensando que eu de fato tinha errado e realmente, a culpa também era minha.

É incrível como o esporte molda o caráter, obviamente que pontualmente a situação que eu vivi no campeonato não me fez ser uma pessoa mais calma e mais autocrítica, mas contribuiu, junto com várias outras situações esportivas, para que eu fosse a pessoa que sou hoje.

UM DIA CRUELMENTE INESQUECÍVEL

Anna Rita Tortolio Matida

Acho que todo mundo tem um momento emocionante e feliz envolvendo uma memória relacionada ao esporte, eu mesma tenho várias, mas, dessa vez, vou contar uma lembrança não tão agradável.

Sempre amei esportes, mas nunca fui boa em nenhum deles. Comecei natação desde pequena, até me chamavam para participar de competições, mas nunca me destaquei. Fiz por muito tempo futebol, mesmo sendo bem ruim, minhas companheiras de treino não ligavam para isso, continuavam a me incluir nos jogos, sempre me ajudando e incentivando.

Porém, como uma boa brasileira, nunca desistia de tentar achar o meu esporte. Até que eu e minha irmã começamos a jogar tênis.

Meu pai comprou tudo para gente: raquetes, tênis próprios, bolinhas. Nos matriculou no plano mensal, na quadra no quarteirão ao lado da nossa casa. Com o começo das aulas, achava que estava indo tudo certo, não muito bem, mas sempre tentando e me dedicando, o professor sempre nos parabenizando ao final das aulas pelo progresso. Estava super contente, acreditando ter encontrado finalmente um esporte em que eu não era tão ruim assim, não me iludia achando que seria a próxima Serena Willians, entretanto, eu gostava de jogar tênis e achava que as coisas estavam caminhando bem.

Mas, ao fim do terceiro mês de aula, quando meu pai foi pagar a próxima mensalidade, o professor virou para gente e disse algo que eu nunca vou esquecer:

Não renova a mensalidade da Anna não, você só está jogando dinheiro fora com ela.

PING PONG

Arthur Issao Akamine

“Mas é ping pong não é?”

Essa pergunta, vinda de um amigo meu durante uma conversa onde o assunto era uma aula maçante de matemática (e que, não sei como, chegou em tênis de mesa), me despertou, naqueles poucos segundos que eu tinha para pensar numa resposta, numa lembrança de quando eu joguei esse esporte pela primeira vez.

Vi, de relance nos meus pensamentos, que estava de pé em frente a uma mesa, parado. A mesa era grande, mal conseguia enxergar a redinha que a dividia em dois. Meu pai estava ao meu lado, mostrando como se pegar na raquete, como eram os movimentos para se fazer coisas como o for e o backhand (nomes estranhos para só direita e esquerda).

Lembro-me que a bolinha não fazia o que eu queria, indo ou muito para o alto ou muito para baixo, nunca naquela altura certa. Sorte minha que aquele meu adversário, um outro moleque que ainda nem sabia o que era direita e esquerda direito, também estava parecendo ter dificuldades sobre esse assunto. Terminamos o jogo empatados naquele dia, sendo a hora do saque do outro a nossa maior esperança para ganhar ponto.

Enfim, quando fui sentar em uma cadeira, para descansar daquele pesado jogo, me recordo de ver numas mesas mais a frente uma das coisas que me fez realmente continuar nesse esporte.

Meu pai e um amigo dele estavam jogando.

E, sério, era algo tão diferente daquilo que eu estava jogando minutos atrás. Era tão rápido, tão bonito de se ver. Cada jogada era tão bem pensada. Cada lance tinha tanta técnica. Era simplesmente lindo.

E aquele ping pong de cada ataque, de cada saque, foram internalizando em mim, até eu não conseguir mais desvincular esse som da minha pessoa. Simplesmente não conseguia mais tirar aquilo de mim!

E, com um sorriso no rosto, pensando em tudo que pensei e lembrei nesses poucos instantes, virei para meu amigo e respondi.

“Não, é tênis de mesa”.

Onde já se viu chamar meu esporte de ping pong.

SÁBADO DE SOL

Beatriz de Souza Ribeiro

Abro os olhos. Respiro. Sinto o prazer de estar na cama sem ter hora pra levantar...

Viro meu corpo em direção a janela e pela fresta me surpreendo com um sábado ensolarado. Depois de três dias chuvosos, finalmente um céu azul. A energia do sol parecia me puxar pra fora daquele quarto escuro, e antes o que eram pensamentos preguiçosos tornam-se uma ânsia de aproveitar o dia.

Na cozinha, mamãe passa o café e papai lê em voz alta as notícias da semana.

“O que vamos fazer hoje, mãe?” – pergunto animada.

- “Não sei, pergunte pro seu pai.”

“Pai, o que vamos fazer hoje?”

- “Descansar” – ele sorri – “Mais tarde podemos ir ao mercado”.

Frustração... como poderiam desperdiçar aquele dia lindo pra ficar em casa? Eu estava cheia de energia e a última coisa que gostaria era de descansar.

Brincar no quintal, parque, casa da vovó, nada parecia legal o bastante para prestigiar aquele dia. Aborrecida, deitei no sofá encarando o teto da sala...

O telefone toca. Era a Aninha, minha melhor amiga. “Bia, o que vai fazer hoje?”

Como de costume da família César, sábado era dia de clube!

Em quinze minutos, estava pronta e a postos do portão.

Sem saber o que me esperava, já estava feliz por sentir que o universo conspirava ao meu favor.

Chegamos lá. Já na entrada, entre as árvores era possível ver um campo enorme, uma piscina bem ao fundo, um parquinho e algumas casinhas. Logo que pisamos na recepção, oito garotos surgiram correndo ao nosso encontro.

“Oi Aninha! Que jogar com a gente?”

“Eu topo! Mas acho que a Bia nunca jogou...” Ela olha pra mim. “Eu te ensino”. Sorri.

A ansiedade começou a tomar conta, o que iríamos jogar? Não conhecia nenhum deles, não podia ser chata e me negar a participar. Sorri meio sem graça e falei: Vamos lá! Caminhamos todos juntos até o campo de areia. O menino mais velho dividiu a gente em dois times e tirou uma bola da sacola que carregava nas costas. Bola, campo de areia, travessão, dois times... era futebol de areia. A Ana estava certa, nunca tinha jogado...

Aos nove anos só me lembrava de pegar uma bola na queimada da escolinha ou na batata quente. Ia ser ridículo. Respirei e falei para mim mesma: Vamos lá!

A partida começa, a bola corre para um lado, corre para o outro, todos correm, eu corro também. Olho a Aninha. Ela recebe a bola e olha pra mim. É agora! Ela chuta.

Parei a bola. Ou melhor, dominei!

Encontro alguém do meu time. Ele tá sozinho. É isso, não tem erro. Chutei.

Olhei pra Ana e ela ela grita: “É ISSO!”

Agora sim, eu consigo fazer isso! Vamos ganhar!

Tirei a bola dele! Toquei, recebi de novo.

GOOL!

Suados, com areia por todo corpo, saímos felizes do campo. Com o sol ainda no topo suspirei agradecida. É assim que se prestigia esse dia.

UM FUSCA E UM RENAULT, SEM IOIÔ

Bruna Fernandes Guimarães

Pensando no que poderia escrever, mas sem conseguir histórias relevantes, quase escrevendo sobre a tediosa competição de ioiô que participei uma vez, me dei de cara com uma notícia besta sobre atores mirins, o que me trouxe a memória uma história que, apesar de ainda medíocre, é certamente melhor que a do enfadonho torneio de ioiô.

Quando eu era pequena, dois momentos, extremamente próximos, me puxaram ao automobilismo. No inverno de 2005, estreou nos cinemas brasileiros *Herbie - Meu Fusca Turbinado*. Minha mãe, quando procurava algo pra fazer com a filha pequena de férias, importunando-a em casa, se deparou com o filme. Os olhos de adulto logo se converteram em de criança, ressurgiram todas as memórias de infância sobre um filme que ela e as irmãs sempre viam, *Se Meu Fusca Falasse*. O tal do Fusca Turbinado era uma espécie de reboot misturado com sequência da antiga série de filmes, dessa vez estrelado pela então queridinha do momento Lindsey Lohan.

Minha mãe me levou ao cinema de prontidão, claramente muito mais animada do que eu. Contando como ela gostava do filme, que era sobre um fusca vivo, mas que não conseguia falar, daí o nome. Contando como meu avô teve um fusca. Coisas assim, durante todo o trajeto de ônibus. Quando vi o filme, eu fiquei maravilhada, como qualquer criança facilmente impressionável, entrei numa espécie de “fase gosto de corrida”. Na verdade era absolutamente superficial, mas na minha mente eu estava apaixonada pela velocidade.

No mesmo ano, a Fórmula Renault realizou uma etapa em Vitória, minha cidade, pela primeira vez. Como não aconteciam muitas coisas na cidade e eu ainda estava na fase de gostar de corrida, meus pais decidiram me levar. Meu pai, uma espécie de Serginho Total capixaba, conhecia todo e qualquer indivíduo da cidade (o que é absurdo considerando que é uma cidade relativamente grande), nisso não era surpresa que conhecesse pessoas que trabalhavam em um dos patrocinadores da corrida, uma escola de inglês franquizada, o que levou ela a facilmente conseguir três ingressos. Novamente, normal, perco a conta de quantos eventos e shows entrei sem pagar por causa do meu pai e de sua personalidade peculiar.

Entretanto, ninguém sabia ao certo o que diabos era a tal da Fórmula Renault, nem mesmo meus pais, nem mesmo os amigos dos meus pais. Hoje sei que era uma temporada que serve como classe de acesso a categorias como Fórmula 3, Fórmula 2 e Fórmula E. Na época, porém, tudo que sabíamos era que vias importantes da cidade iam ficar interditadas e carros extremamente rápidos iam passar por elas.

Nesse dia, em meio meu entusiasmo de criança e os lanches que levei, descobri que corrida é muito melhor na TV. Principalmente em filmes. Ao menos para crianças. Você, inevitavelmente, só vê um trecho extremamente específico. Tudo é rápido demais, mas ao mesmo tempo você passa a maior parte do tempo vendo nada, e claramente se perde no que

está acontecendo, sendo necessário o narrador e um telão (e, no meu caso, adultos dispostos a interpretar esses dados e repassar para a filha), de maneira imprescindível. No final, uma moça chamada Bia Figueiredo ganhou. Lembro de uns caras ao lado dizendo coisas que eu não entendia na época e meus pais ficando bravos, logo que o resultado saiu. Hoje consigo imaginar muito bem o teor do conteúdo que eles diziam. Também sei, hoje, que Bia provavelmente ouviu muito daquilo, durante toda a vida. Também sei que ela estava ali fazendo história. Aquela era sua segunda vitória na temporada, a primeira havia sido em Campo Grande, o que a levou as manchetes: primeira mulher a ganhar na Fórmula Renault. Ela brigava nas cabeças da temporada, terminou em terceiro e logo foi para os EUA, onde disputou a Fórmula Indy.

Bia, após sua vitória, se dirigiu às arquibancadas para jogar pequenos brindes. Jogou camisas e casacos autografados. Quando chegou na parte que eu estava, última pela ordem que ela escolheu, os brindes haviam acabado. Então, de prontidão, ela puxou o marcador do bolso, tirou o boné que estava em sua cabeça e autografou. Jogou na arquibancada. Meu pai pulou muito alto, ao menos na percepção de alguém com pouco mais de um metro, e pegou o boné, me entregou. Eu olhei pro boné, olhei pra Bia. Meu cérebro de criança não precisava de mais nada. Pra mim, naquele momento, naquele instante, eu estava dentro do filme, Lindsey e Bia eram a mesma pessoa. Minha heroína tinha me entregado um momento, uma lembrança. Todo o tédio de criança foi embora, aquele ali tinha se tornado automaticamente o melhor dia da minha vida. Usaria aquele boné até o último de meus dias, tinha pensado a menina sonhadora.

Algumas semanas depois, em um passeio de escuna com a escola, o vento levou ele da minha cabeça, se perdeu no horizonte. Chorei muito. Superei. Esqueci. Conforme o automobilismo foi saindo da pauta mainstream, com a derrocada dos brasileiros, passei e não saber nada sobre o esporte, em absoluto.

Hoje, depois de ler um artigo de fevereiro chamado “A grande chance de Bia Figueiredo na Stock”, descobri que ela corre na Stock Car (categoria que, admito, só conhecia de nome, “Nascar do Brasil”, e das presenças folclóricas dos filhos do narrador Bueno e de Rubinho) há alguns anos. Tendo figurado apenas em equipes pequenas e médias, nunca correndo exatamente nas cabeças, não fazendo jus ao explosivo começo de carreira. O que me lembra... Lindsey. Atriz mirim consagrada, tendo figurado entre as atrizes jovens mais bem pagas no início dos anos 2000, caiu em um marasmo, se envolveu em diversos escândalos e polêmicas, foi presa, entrou e saiu de diversas clínicas de reabilitação. Evidentemente, uma vida muito mais conturbada do que a de Bia, porém, as duas se encontram na forma de promessas que, por venturas, não vingaram. Em uma nova coincidência, 2018 se mostra como um novo começo para ambas. Lindsey começou novos empreendimentos, reestruturou sua vida, e, pelo que apurei rapidamente pelo Google, está prestes a estrear um reality show. Já Bia, finalmente, corre por uma grande equipe, a Ipiranga, apesar de ainda não ter conquistado nenhum circuito na temporada, é dito pelos conhecedores que ela deve vir forte na próxima temporada, não tenho conhecimento suficiente para confirmar ou negar a informação, entretanto.

Paralelos forçados à parte, guardo essas memórias com carinho. A confusão mental infantil criou, por incrível que pareça, uma relação especial pra mim, entre o automobilismo real e a ficção. Dificilmente veria Meu Fusca Turbinado mais uma vez, tal como não devo passar

a acompanhar Bia na Stock Car, mas o carinho, sem sombra de dúvidas, vai sempre estar no meu baú da infância. E digo, com toda certeza do mundo, lembranças bem melhores que as do sacal torneio de ioiô.

O MEU ESPORTE

Bruno Correia Fujita

Toda criança gosta de algum esporte, algumas gostam de assistir, outras gostam de competir, mas algumas gostam apenas de treinar. Quando criança eu era do tipo que gostava de treinar, não treinava pra competir, muito menos acompanhava os últimos acontecimentos, era completamente perdido quando o assunto era esporte, mas gostava de experimentar novos esportes. Treinava um pouco e já cansava, queria mudar, conhecer outras modalidades, até encontrar uma que realmente eu gostasse.

Comecei na natação, “é bom saber nadar”, dizia meu pai, nem cheguei a terminar todas as aulas, já pedi pra trocar, não gostava daquilo. Fui treinar karatê, “você precisa saber se defender”, dizia meu irmão, quando passei da faixa branca para a amarela, cansei, não aguentava mais. Comecei a treinar tênis, o esporte favorito do meu pai, mas não o meu, o esporte no campo do lado parecia mais legal, o esporte que eu saía sempre parecia chato e o próximo que eu entrava sempre parecia mais legal.

Ao lado da quadra de tênis ficava o campo de beisebol, treinei por bastante tempo, desse eu gostava, até que os horários começaram a ficar ruins, e tive que parar. Tentei tênis de mesa, basquete, handball, até tentei voltar às lutas com jiu-jitsu, mas nada me agradava.

Na busca por um esporte, acabei machucando meus ombros, fiz tantos esportes e forcei meu corpo de tantas formas diferentes que já não conseguia mais treinar qualquer coisa. Pensava comigo “que esportes posso fazer que não prejudique mais meus ombros? Comecei a correr enquanto pensava em que esporte iria fazer, não queria ficar parado, corria na rua mesmo, sem treino, sem programação, sem relógio, sem celular, sem nada, me desligava do mundo, apenas corria.

De tanto correr, acabei entrando no atletismo, mas agora com treinos, treinadores, programação, relógio, distância, até mesmo competia. Quem diria que a criança que só queria treinar sem compromisso iria gostar de competir.

Nunca encontrei um esporte que eu fosse bom, mas como eu adorava correr...

COMO (NÃO) CRIAR UM TIME

Eduardo Tramontim Mainardes

Qual o primeiro empreendimento você sonhou em abrir? Sonho mesmo, aquele delírio de criança. Ter seu próprio Mc Donalds? Ter sua própria loja de brinquedos? Ter seu próprio time de futebol?

Pois é, resolvi tentar um deles. Criei um time de futebol aos 13 anos. Os Mafiosos da Areia. Chamei uns amigos. Os amigos chamaram uns amigos. Procuramos e procuramos um goleiro. Montamos uma comunidade no Orkut para mostrar que o time era sério. Com escudo, lema, mascote e tudo. Se duvidar, até torcida organizada. O time estava pronto. Só faltava um mero detalhe. Faltava jogar.

“Meu amigo tem um time de praia também!” Ótimo. Vamos jogar contra eles. Sábado, às 16 horas, nos encontramos na Praça das Bandeiras, ali entre o Canal 2 e 3 de Santos. Cada um chegando no seu camelo (como se fala bicicleta no dialeto daquela especial ilha), se conhecendo, e na maior expectativa da nossa grande estreia. Time escalado no mais tradicional 4-4-2 pra não ter erro, vamos jogar o arroz-feijão. Sem esses falsos 9 e pontas de hoje em dia, mas com uma singela adaptação pro campo em que estávamos. Uma areia é mais fofa que a outra. Não faz sentido jogar com lateral esquerdo e direito só pelo pé que chuta. Criamos o lateral-mar e o lateral-rua. Afinal, o lateral-mar tem que saber tirar a bola da água, e o lateral-rua tem que jogar mais na areia fofa.

Começa o jogo. 1x0. 2x0. 3x0. 4x0!!!! E perdemos...Segundo jogo. Derrota por 3x0. Não se nega que houve evolução. Terceiro jogo já fizemos gol, foi 3x1. Perdemos o 4º jogo. Perdemos o 5º jogo. E lá vamos nós pro 6º sábado da Praça das Bandeiras. Mesmo com a lamentável sequência de 5 derrotas, já estávamos tendo uma certa troca de passes, um certo entrosamento. Abrimos o placar. Pela primeira vez estávamos na frente. Continuamos indo pra frente. A chuva apertou. Estava ficando escuro em plenas 5 horas da tarde. Mas a empolgação era demais. 2x0. Nós íamos ganhar. A vitória estava perto. Mas a chuva tava apertando. Cada vez a chuva doía mais. Não era mais chuva. Era granizo! Vinha aquela vontade de continuar jogando, mas caindo pedra de gelo na sua cabeça simplesmente não dá.

“Ei pessoal, acho que vamos ter que acabar o jogo.” Que pessoal? Não tinha mais jogo, já estava todo mundo com seu camelo voltando pra casa. E pra mim, que sobrei sozinho no meio do campo, restou-me pegar a bola e voltar também. Tinha granizo caindo em mim, mas o que tava mesmo na cabeça, era aquela desejada vitória interrompida.

HOBBY

Fabrizio Lopes Giocondo Rossin

Desde quando consigo me lembrar, o esporte esteve presente na minha vida. Ter um pai que jogou futebol profissional e chegou a ser campeão paulista e vice-campeão brasileiro ajudou bem a marcar essa presença, única coisa é que eu não seguiria os passos do meu pai como goleiro de futebol, mas sim como um jogador de tênis. Não que eu não gostasse de jogar futebol, eu adorava ser goleiro e sempre pedia pro meu pai me treinar, mas como a carreira dele terminou de forma injusta, ele ficou muito amargurado com o esporte e não queria me ver como um goleiro profissional.

Quando eu tinha 5 anos minha família se mudou de São Paulo para Brasília, o ano era 2000. Nessa época já era muito comentado sobre o Guga nos programas esportivos, afinal ele havia ganhado Roland Garros em 1997 e era considerado como o futuro do nosso tênis. Além dele, havia nomes como Fernando Meligeni, o Fininho, e Fernando Saretta, mas ninguém tinha ganhado um Grand Slam e, como brasileiros, temos a ideia de que se não for pra ser o melhor, você não é bom o bastante, principalmente no esporte.

Tênis já estava começando a ser o esporte da moda na época, com o surgimento da chamada “geração Guga”, que eram todas as crianças que começaram a jogar tênis por causa dele, mas pra mim essa vontade de jogar tênis com o seu segundo título de Roland Garros. Meu pai também ficou impressionado e me incentivou muito a investir nesse esporte. De repente, meu pai, que deu tudo pelo futebol, começa a gostar muito mais do tênis do que qualquer outro esporte. Pra mim isso foi um sinal de que eu tinha achado o meu esporte.

E, um ano depois, veio o terceiro título do Guga em Roland Garros, o título que ele virou um jogo que ele estava perdendo por dois sets a zero nas oitavas de final e, depois de buscar a vitória, desenhou um coração na quadra, levando todo mundo que estava assistindo essa partida ao delírio. Eu, como um fã do Guga no auge dos seis anos de idade, passei a imaginar diariamente eu ganhando Roland Garros e desenhando o coração na quadra, exatamente como Guga fizera. Isso me despertou ainda mais para a prática desse esporte.

A partir daí, comecei a querer ter o estilo do Guga, deixei meu cabelo crescer, comecei a treinar não só de fim de semana, mas três vezes por semana também e investi grande parte da minha infância e parte da minha adolescência treinando pra virar profissional de tênis. Na minha cabeça esse era o meu esporte, e eu adorava todo segundo que treinava e jogava.

Foi aí que joguei meu primeiro torneio, era bem simples, por equipes e feito para a academia de tênis onde eu treinava, só os alunos de lá podiam jogar. Lembro que fiquei como o capitão da equipe e jogamos muito bem esse torneio. No final fomos campeões e fiquei com uma sensação muito boa, meu primeiro torneio e ainda por cima fui campeão. Não importava pra mim se era um torneio “café com leite”, eu tinha sido campeão, tinha jogado bem e comecei a sentir um gosto diferente, um gosto melhor do que só jogar tênis, melhor do que só treinar, era

o gosto de ganhar e ser campeão.

Esse gosto é viciante, não importa quantas vezes você já o tenha sentido, você vai querer sempre senti-lo de novo. A partir daí meus treinos intensificaram, comecei a treinar em clínicas de tênis, treinar até 5 vezes por semana. O tênis deixou de ser somente um hobby e virou a atividade que eu mais levava a sério naquela época.

O esporte ficou tão enraizado no meu dia-a-dia, na minha vida, que até hoje eu não sei o que é viver sem praticar um esporte, sem competir e sem ter jogo no final de semana.

SURF: METÁFORA DA VIDA

Fernanda Forgo

Cresci na praia. Vovó e vovô moravam lá.

“Hoje o mar está *flat*”; “Olha o *cut back* que o cara fez”; “O *swell* vai entrar, hein”.

Essas eram expressões comuns de ouvir em meus fins de semana. Toda sexta à noite a gente “descia” para praia e no dia seguinte às sete da matina já estávamos com o pé na areia. Papai me ensinou a surfar desde que me entendo por gente. No começo ele empurrava minha prancha nas ondas, mas depois de pegar o jeito caí na água sem ele.

Eu amava a sensação de entrar no mar. Sentia que estava livre e independente ali. Remava, remava, remava até chegar no fundo. Lá encontrava a calmaria e esperava a onda certa.

Era um dia ensolarado na praia, desses que o sol chega a arder. Primeiro o protetor, depois a parafina na prancha e por último o alongamento pré-surf. Depois de tudo pronto, eu e minha prima fomos em direção ao mar.

No começo pegamos umas ondinhas. Estávamos aproveitando e num instante a correnteza começou a nos puxar. E como puxava.

Nós remávamos com todas as nossas forças e não conseguíamos sair do lugar. Não nos demos conta do que estava acontecendo até o momento que fomos arrastadas para fundo e começamos a ficar assustadas. Decidimos gritar, clamar por ajuda e de repente tinha um conglomerado de pessoas na beira d’água. Mas pareciam estar tão longe.

Um salva-vidas vinha em nossa direção. Um não, eram dois. Com boias, apitos e equipamentos. Na hora o desespero era tão grande que não conseguíamos parar de remar em direção a eles. Mas veio o cansaço físico. Então só aguardávamos o momento deles nos resgatarem, entretanto, os pensamentos eram longínquos. O medo, o sentimento de partida e até mesmo o receio de aparecer um tubarão ali vinham à tona. Vai saber, né. Quando nos demos conta já estávamos na areia. As pessoas que nos observavam com olhares de curiosidade e ao mesmo tempo alívio. A adrenalina ainda era alta. Depois de uns dois copos de água ela baixou.

Após cerca de vinte minutos os salva-vidas surgiram no nosso guarda-sol. Pediram nossos dados, nome dos nossos pais e outras mil informações. Era apenas um procedimento de segurança.

Por fim, relaxamos, curtimos a praia e até fomos para o mar novamente. Não foi aquele fato que nos impediu de sentir o prazer inexplicável de surfar.

Agora que cresci vejo que o surf é uma metáfora de nossa vida. A gente rema e rema em direção aos nossos sonhos e metas. Na maioria das vezes nunca é fácil. As ondas são fortes, nos derrubam, nos cansam e até nos deixam estagnados. Nessa jornada também não podemos nos

esquecer da importância das pessoas que nos ajudam assim como os salva-vidas nos ampararam. E não podemos desistir. Temos que remar até o fim, pois quando chegamos ao final das ondas, aonde elas não quebram mais, vem a calmaria, a felicidade e sensação de dever cumprido. E a vida é assim, constantemente estamos lutando contra muitas ondas, mas uma hora sempre chegaremos ao nosso objetivo.

RAQUEL

Fernanda Okano Pinto de Oliveira

O ano era 2012 e eu tinha 14 anos. Já treinava futsal com o mesmo time há 3 anos. Éramos invictas no campeonato principal da nossa escola, o Interunidades, onde competíamos com as outras unidades da nossa escola. Eu estudava na unidade Teodoro e o nosso maior rival era o time da unidade Alphaville.

Na metade do meu quarto ano no time, apareceu uma nova integrante, que não estudava na minha unidade, porém nosso técnico havia permitido que ela treinasse conosco. O nome dela era Raquel e, apesar de eu conversar com ela pré e pós treinos, eu nunca pensei em perguntar onde ela estudava. A explicação do Jorge, nosso técnico, era que a Raquel morava mais perto da nossa unidade do que a dela e, por isso, havia pedido para acompanhar os nossos treinos. Por esta razão, imaginei que ela estudasse em alguma unidade próxima, mas não tão próxima, como a Pinheiros e a Marquês. A Raquel não era muito boa e as vezes chegava a atrapalhar o andamento dos treinos no começo. Mas depois de 6 meses, já havia melhorado muito, se tornando uma das melhores jogadoras do time. Quando o quarto ano foi chegando ao fim e o Interunidades se aproximava, fui ficando cada vez mais chateada, por saber que a Raquel não poderia representar nossa unidade e jogar com a gente pelo título.

Enfim chegou o grande dia, Raquel havia mandado uma mensagem de boa sorte para o time e isso nos deixou muito feliz. Começando ganhando com facilidade dos primeiros times do nosso chaveamento. Jogamos contra o time de pinheiros e nada da Raquel, assim como no time da Marques. Chegamos a final contra a Alphaville e eu já estava certa de que ela havia desistido de jogar por outra unidade, por já se considerar do nosso time.

Foi quando a vi entrando no ginásio com o uniforme da Alphaville e com a faixa de capitã no braço. Meu time ficou enfurecido, não só com ela, mas também com o Jorge, por permitir que ela treinasse conosco e soubesse todas as nossas jogadas. O jogo foi emocionante para quem viu, mas no fim, com uma jogada clássica do nosso time, Raquel fez a assistência no segundo pau e a Alphaville levou o título por 3x2....

Raquel parou de atender aos nossos treinos e nunca mais a vimos nas competições. Recentemente, ouvi dizer que ela está treinando nos Estados Unidos e tem potencial para se tornar uma excelente jogadora profissional. Apesar da dura derrota, hoje em dia, fico feliz de ter treinado ao lado dela. Espero que algum dia eu possa a ver jogar com uma camisa que ambas vestimos com orgulho, a da Seleção Brasileira.

O QUE PENSA EM 15 MINUTOS?

Flavio Chiari Oliveira

-Vambora, hora de cair na água!

É com esse sinal que o treinador chama. E também tenta trazer a tona a motivação, energia, espírito e garra da criança. Em cada palavra, na entonação, nas palmas feitas simultaneamente ao grito, no olhar de competição. Mas quem disse que a pequena pessoa está prestando atenção?

Os dois se trombam, um encontro forçado, onde o mais velho bota a mão no ombro do mais jovem, tanto no sentido físico quanto educativo do termo, e lhe recorda das várias lições e estratégias da fase de preparação. Fundos de olhos se encontram, e é possível observar, mesmo quem não tem o olhar aguçado, as diferenças de entonação das almas dos indivíduos. Agitado e esperançoso, um deposita sua confiança no outro e nas possibilidades que ele poderá criar na tarefa que está por vir. Já o outro, percebe agora do que o Um está falando, e lembra o que está fazendo ali, do que fez para chegar ali, só ainda não entende POR QUÊ está ali.

A verdade é que NÃO queria estar ali. Tinha feito pose de corajoso, achado interessante a ideia de fazer uma excursão sem a família, ficar um dia inteiro fora de casa, dormir em local desconhecido, e COMPETIR com outros de fora, mas agora que havia chegado o momento de ficar em evidência, tremia da cabeça aos pés. Batia os dentes. O técnico pergunta se está tudo bem. O outro responde: “Sim, só estou com frio”. “Não se preocupe, a água está quente” responde, como se isso fosse aliviar a ansiedade que cresce como um tornado dentro do pequeno nadador. Seja como for, agora os dois se dirigem a beira da GRANDE piscina, para dar início aos trabalhos.

A supervisora de sua raia lhe dá oi. Ao que responde da mesma forma. Depois, observa quem está nadando no momento. Era sua colega de treino mais velha. Um nado belíssimo, de acordo com seus próprios parâmetros. O Um pergunta a supervisora como ela está indo. A responsável pela contagem da distância aponta o papel que segura e diz que “vai fechar mil, com certeza”. O rosto do treinador fica iluminado por um sorriso. Isso aflora ainda mais a ansiedade do jovem, que pensa que talvez tenha a obrigação de imitar a marca da veterana.

- Pode entrar na água.

Era agora. Ia começar. E só ia acabar daqui a quinze minutos. Uma eternidade segundo ele próprio. E mais ainda agora que teria que nadar não só por um longo tempo, mas percorrendo uma grande distância. Ele se agacha, senta na beira da piscina e coloca as pernas na água. De fato, está quente. Isso lhe dá um leve ânimo, fazendo com que empurre o resto do corpo junto, submergindo-o imediatamente. Ah, o calor é revigorante! Do alto, ouve uma voz dizer: “Não se preocupe, apenas dê o seu melhor e nade até o fim”. É, talvez isso fosse possível.

Ouve uma campainha. Ela indicava que os quinze minutos de sua parceira tinham

acabado. Ela estava fazendo a volta. Assim que chegasse à extremidade que ele se encontrava, acabava o momento dela e começava o seu. Apenas mais alguns metros. Cada vez mais perto... “Vai lá, manda ver!”. O grito o assusta, quase o faz queimar a largada. Se prepara, coloca o pé na parede e... foi.

Já inicia forte, querendo mostrar que sabe o que está fazendo. Cada pernada é uma tentativa de chutar o mais forte que consegue a água, para fazer o coração acelerar. Cada braçada é como remos de um barco viking, desbravando o mar mais tempestuoso. Puxando e empurrando seu corpo com o máximo de eficácia, a distância é cortada como se fosse mero capricho do mundo. Mas logo chega do lado oposto a saída, e bota a cabeça para fora d’água para fazer a volta, ouve em uníssono: “CALMA!”. Era seus outros colegas de equipe. De fato, logo seu coach entrou na torcida ao lado da piscina, que lhe dava instruções. “Eles devem saber de algo que não sei”. Nesse momento, recorda da estratégia elaborada em seu centro de treinamento, onde a proposta era começar numa intensidade baixa e ir aumentando conforme o tempo passa. E no seu caso específico, tudo o que querem é que passe por esse desafio incólume, de forma tranquila, mas ininterrupta. Isso ele pode fazer.

Reduz a marcha até quase uma inércia do giro-motor. É uma velocidade que usa para relaxar o corpo ao final dos treinos, ou no meio deles quando o técnico não está olhando. Parece nem que está nadando, mas sim que a água o balança de um ponto para outro, e ele apenas se deixa levar por sua vontade.

Definida sua velocidade de percurso, falta achar algo para se ocupar durante a viagem. O pensamento começa então a se desprender do corpo, procurando no que se concentrar. Começa recordando dos eventos do dia até ali: da saída deles da academia que treinam rumo a competição, da viagem e da conversa com seu amigo de treino, da chegada e apresentação da academia rival que iriam nadar, do discurso de abertura do dono do local, da tomada de território por parte de sua equipe, da sala de pilates, onde agora seria seu dormitório. Lembrou-se de como foi gostoso dormir ali, apesar de ser no chão duro, e desejou poder voltar a dormir novamente naquela sala. “É exatamente o que farei depois daqui”, pensou, mas primeiro teria de cumprir a árdua tarefa em que se encontrava.

Já se passaram alguns minutos. Não podia dizer ao certo quantos, mas estava caminhando bem. Após recordar os acontecimentos do dia, decidiu se dedicar a elencar aquilo que havia deixado para fazer quando voltasse para casa. Pensou nos deveres escolares, mas logo os pôs de lado. Afinal, que relevância havia em matemática, português e geografia agora, em pleno nado?

Decidiu viajar por pensamentos mais supérfluos. Lembrou-se do novo jogo de vídeo game que ganhara. Um jogo de super-herói. Estava animadíssimo para jogar, só precisava de um detalhe: um videogame para rodar o CD da aventura. Riu, ao pensar na situação boba que se encontrava. Havia lhe dado uma flecha, um cachecol, um carro, mas sem o devido complemento, condição ou predisposição para usá-lo em seu potencial máximo. Mas isso não o impediu de imaginar nas aventuras que o esperavam lá, naquele jogo. Imaginou-se na fantasia, sendo ora o mocinho ora o vilão, e travando batalhas épicas no simples campo da imaginação.

Mas até mesmo a imaginação de um jovem tem seus limites, ainda mais quando está

no meio de uma tarefa ativa como nadar. O tempo passava, faltava ainda bastante para o cumprimento de sua meta, mas já devia começar a ficar mais ligado na sua situação. Não cabia mais se enganar com fantasias, tinha que se pautar na realidade. E ao ver a construção de um prédio no terreno vizinho, percebeu que podia elencar diversos questionamentos extremamente precisos quanto ao progresso da obra. Questionamentos pragmáticos, que ajudariam a se manter atento.

Perguntas como: tempo de ação até agora, tempo de previsão de término, custo total da obra, rotina de construção, alojamento dos construtores, salários, custo do material, qualidade do material, propósito do prédio, que provavelmente seria para moradia; vizinhança, aspectos do bairro, áreas verdes, árvores das proximidades e suas alturas consideráveis, entre tantos outros fatores que ficam elencados um no outro como uma corrente sem fim. Ele ouve um chamado que o desperta.

-Vamos lá, força agora!

O seu treinador, junto com alguns colegas seus, aparecem na borda da piscina, gritando palavras de apoio para que não apenas continue, mas para que vá cada vez mais depressa. Ele podia acelerar, mas tinha medo de cansar demais. Tinha medo de engolir água por causa disso e se afogar. Tinha medo de desistir devido ao cansaço... A cada respiração lateral, enxergava a torcida lhe passando instruções e energias. E também conseguia ver um relógio acima deles. Conseguia ver quanto tempo havia passado. E já fora mais de dois terços do desafio. E não estava nem perto de ficar exausto! Então oras, por que se segurar?

Permitiu-se dar um gás, colocando mais intensidade a cada movimento, deslizando mais forte e melhor a cada braçada. Agora todas as viradas eram com “cambalhotas”, para não perder muito tempo, mesmo que sacrificando um momento de respiração muito querido. Faria o que fosse necessário para todos verem que, ao final, podia nadar em grande nível. Agora o cansaço batia. Dera tudo de si mesmo. Precisava respirar sempre. Pensou que talvez tivesse exagerado, mas quando viu o próximo colega dentro da piscina quando chegou na extremidade inicial, ficou tranquilo. Era o último minuto. Acelerou mais um pouco. Já tinha dado. Havia feito. Estava acabando. O fim do tormento estava próximo. Quando faz a virada para retornar os últimos metros, ouve a campainha, indicando que dessa vez era SEU trabalho que fora concluído. Independente de quanto foi feito.

Fez então um último Sprint, para que seu colega não perdesse tanto tempo por sua causa. Bateu forte na parede com a mão. Imediatamente ficou em pé naquele raso, e viu de relance o próximo nadador de sua equipe começar a própria tarefa. Buscou o ar com a boca e nariz, e só então notou o quão cansativo foi tudo aquilo. Estava ofegante de uma forma que quase nunca ficara antes. Parecia que todo o oxigênio daquela sala não era suficiente, além de estar quente e não ajudar a refrescá-lo. Pensou que desabaria ali mesmo, na beira da piscina, mas sentiu um aperto no braço e uma força puxando-o para cima. Somou sua própria força àquela e juntas, o tiraram da água e o colocaram sentado numa cadeira que havia do lado da supervisora. A mão era do seu coach.

- Parabéns, você mandou bem. Pode descansar agora.

Olhou fixamente para o rosto de seu mentor, e sorriu, com a boca aberta ainda ofegante, numa careta de puro cansaço, mas com felicidade. Um sinal de positivo fechou esse ritual. Ele deixou o técnico livre para fazer o mesmo pelo colega que agora ocupava seu lugar na piscina.

Manteve-se na cadeira por mais alguns momentos, enrolado em sua toalha, observando as pessoas ao redor da piscina resolvendo suas tarefas enquanto os outros nadavam. Todas ocupadas, como provavelmente também estavam enquanto ele era o nadador. Olhou para os que nadavam agora, desejando, ainda que minuscualmente, repetir aquilo tudo de modo ainda melhor. Por fim, uma voz o indaga:

- Tá tudo bem com você? – era a supervisora, olhando-o com um sorriso amigável.

- Sim. É só que agora, só consigo pensar em NADA.

UM CIDADÃO DENTRO DO ESPORTE

Guilherme Cunha Prado

Meu pai sempre fora um grande fã do automobilismo e sempre assistia as corridas de fórmula um aos domingos e eu, muitas vezes, acompanhava. Sempre achei legal ver as largadas, *pit stops* e as comemorações com champanhe. Não entendia muito o que fazia um piloto ou um carro ser melhor que os demais, mas eu sempre soube identificar a bandeirinha do Brasil e torcer pelo piloto que vinha ao lado dela na classificação, fosse Barrichelo ou fosse o Massa e assim foi também em 2008.

Domingo de tarde, dia de ir ao clube como sempre acontecia no verão durante a minha infância. Almoço com meus pais, piscina. Mas havia um detalhe: era domingo de corrida. E não qualquer uma, Interlagos, valendo campeonato. Eu lembro que Felipe Massa tinha ganhado várias corridas, mas tinha tido vários problemas em outras (a maioria por erro da sua equipe, a tão imponente Ferrari). Contudo, ele chegou no final do campeonato com chances reais de título.

Precisava ganhar e seu concorrente Hamilton chegar de quinto colocado para trás. Eu não sabia direito quando ele estava ganhando ou não, acompanhava meu pai sempre perguntando “Agora ele ta ganhando?”. E assim foi a corrida inteira, “E agora ele ainda ta ganhando?”. Até que no final Massa ganhou, cruzou a linha em primeiro lugar meu pai gritava e pulava “Ele ganhou, agora ele ganhou”. Depois de 17 anos, tínhamos novamente um campeão mundial.

Massa tinha ganhado a corrida. Fato. Mas ela ainda não havia acabado, Sebastian Vettel (que viria a ser tetracampeão mundial de formula alguns anos depois) é ultrapassado por Hamilton que então levava o caneco para a terra da rainha. Todo mundo para de comemorar, meu pai xinga o Massa, o Hamilton, o Vettel, o Galvão Bueno, a Ferrari. E eu não entendia o porquê tanta raiva.

Meu pai nunca foi o cara mais competitivo no mundo esportivo, sempre admitia quando o time dele jogava mal e ficava bem calmo quando alguém que ele torcia em alguma competição. Depois que a poeira da corrida abaixou nós voltamos para casa e meu pai veio falando: “Não acredito, 17 anos sem a gente ganhar e acontece tudo isso hoje, saudades do Senna”. Ai que eu perguntei: “O que esse Senna tinha demais?”. Meu pai já quase chegando em casa só faltou parar o carro para me olha enquanto contava: “O cara era o melhor. Eu fui ver ele correr em 91, ele ganhou a corrida com só duas marchas. E a corrida de recuperação então? Com problema na largada ele ultrapassa todo mundo, na chuva e ainda ganha a corrida”. Minha mãe já emendou: “Todo mundo lembra certinho o dia que ele morreu, foi um dia triste.”

Eu nunca tinha visto meu pai tão empolgado contando histórias assim e fiquei curioso e fui para a maior fonte de informações que eu conhecia na época: o Youtube. E comecei a ver alguns vídeos junto com meu pai. Entrevistas, ultrapassagens e logicamente a “musiquinha do Senna” como eu chamo o tema da vitória até hoje.

Passei a acompanhar cada vez mais a história dele, realmente um ídolo. Fez coisas grandiosas dentro e fora das pistas. Corridas emblemáticas na chuva, disputas nos bastidores, superação, determinação, disciplina. Ele era diferenciado. Realmente sua história teve mil acontecimentos até o seu acidente em Imola. Os anos se passaram e eu assisti documentários, entrevistas, vídeos antigos, li livros e realmente, Senna foi um dos melhores. Não só piloto, um dos melhores exemplos de atleta, pessoa e cidadão. Poderia escrever 65 (o número de pole positions que Senna teve) narrando suas conquistas e fatos marcantes, não é esse o mérito aqui. A questão é: O que Senna representava para o meu pai e para mim. Senna emergiu em um Brasil sofrido e em um universo em que os estrangeiros dominavam. O brasileiro que deu certo, o cara que quando ganhava erguia a bandeira do seu país com orgulho. E muito tempo depois só, eu fui entender o porquê meu pai ter ficado tão bravo com o Massa perdendo o campeonato. Se o Brasil ganhasse o sentimento de orgulho, sentimento de vitória que tantas vezes falta às pessoas podia voltar. Por momentos que fosse, mas fazia 14 anos já do acidente no GP de San Marino, não faria mal algum ouvir mais uma vez a “musiquinha do Senna” e ver a bandeira do Brasil lá mais uma vez. Massa não foi um piloto ruim. Muito longe disso, perdeu um campeonato por culpa da sua equipe. Mas mesmo que tivesse ganho, com todo respeito a ele, jamais substituiria Senna. Hoje compreendo o que Senna representou e até hoje representa.

Infelizmente, a derrota de Massa no campeonato simbolizou como mais uma vez brasileiro aceita apenas os vencedores para idolatrar. Contudo, para mim, além de representar uma grande conquista para o esporte e também uma corrida emocionante, foi algo que abriu minha cabeça para novos ídolos, fugindo do tradicional futebol em que os jovens brasileiros são apaixonados. Passei a entender, a partir daquele dia, como o esporte pode sim fazer a diferença para um país e representar cidadãos, tudo por meio da história de Senna.

Se hoje eu, palmeirense fanático, vou ao estádio e tem uma foto de Ayrton – corintiano confesso - estampada em uma campanha da Allianz entendo que não é pelo atleta e sim pelo homem por trás do capacete e tudo que ele já representou para um povo. Bem como para o meu pai.

UMA NOITE DE SANTO

Guilherme Gomes Aquino

Aquele foi meu primeiro campeonato de futsal. Aos 14 anos, assumindo a titularidade no gol do time sub-16 do colégio, o CNSD. E depois de seis jogos ao longo do ano, chegamos à finalíssima! E esta seria justamente contra o LBV, com quem houve certa rivalidade naquele torneio. A derrota por 5 a 3 ainda na fase de grupos não tinha sido bem digerida.

Durante todo o ano, assisti vídeos de meu time do coração e sonhava com uma defesa de pênalti em uma possível final, ao som de “All these things that I’ve done”, de The Killers. Na fase de grupos não deu. O único penal foi por pouco. Mas mal sabia o que me esperava.

Na final, fui substituído ao bater a cabeça. O jogo empatava em 4 a 4, e André, o outro goleiro, titular até o ano anterior e que muito me ajudou no início daquele ano, foi uma verdadeira muralha durante o “gol de ouro”. Fim de jogo. Íamos aos penais.

O treinador me escalou. Fiquei surpreso. Mas diante de toda a torcida a nosso favor e carregando a pesada camisa 12, de São Marcos, meu ídolo e exímio pegador de pênaltis, não pude negar.

Após três gols em três cobranças, chegou a hora. A inspiração no ídolo e o peso do número 12 apareceram! Arrisquei, pulando no canto esquerdo, e... ESPALMADA! O êxtase foi demais! Nem da comemoração me lembro. Foi como se tudo se apagasse e a música tocasse em minha cabeça! Estávamos a uma cobrança para o título! E ele veio! A taça era nossa!

Um goleiro desconhecido no time assumiu a titularidade e brilhou contra o rival da época, com uma defesa de pênalti em plena final e carregando o número 12 nas costas. Assim como a consagração do ídolo São Marcos, na Libertadores de 99. Em 25 de novembro de 2014, vivi uma noite de Santo.

COMO ME APAIXONEI PELA LUTA

Gustavo Briccoli de Almeida Domingues

Antes de dizer como me apaixonei pelo mundo do combate devo dizer como mergulhei nele. Quando criança meus pais sempre me incentivaram a fazer esportes dos mais variados tipos, me levando para andar de bicicleta, correr, nadar e até mesmo caminhar, foi desta forma que acabei caindo de para quedas em uma academia de Jiu-Jitsu, a tão famosa Gracie Barra, ao menos uma das filiais da minha cidade, São João da Boa Vista. Assim, junto ao meu irmão, treinei essa modalidade por mais de 4 anos, até completar meus 15 anos, parando para me dedicar a outros esportes, mas sempre querendo voltar a treinar algum tipo de arte marcial, pois sempre gostei de ver os filmes de ação do Bruce Lee, Jack Chan e Van Daime.

Um ano se seguiu sem que eu retornasse a treinar nenhuma modalidade relacionada, até que, devido a uma grande oportunidade, participei de um processo de intercâmbio, indo até o centro da Europa com apenas 16 anos. Devido a minha vida ativa dentro dos esportes uma das primeiras coisas que eu procurei ao chegar no local foi buscar modalidades esportivas que eu poderia praticar.

Apesar de ter treinado diversas coisas durante minha vida, na época eu era muito franzino, pesando apenas 58 Kg, com uma altura de 1,75m, o que me fez sofrer vários tipos problemas na adolescência, como falta de autoestima e até bullying, desta forma eu queria fazer algo para me desenvolver fisicamente. Foi então que eu encontrei uma academia perto de onde eu estudava por meio de recomendações de alguns colegas meus. Quando fui fazer a visita para conhecer o local descobri que lá havia treino de KickBoxing. Com vontade de treinar algo que me fizesse mais forte e com meu desejo de voltar a praticar artes marciais acabei entrando de cabeça nos treinos.

Logo de começo meu mestre me fez treinar de forma bem intensa, fazendo inúmeras flexões, arremessando bolas em minha direção para que eu me esquivar, ficar horas pulando corda, ficar levando socos e chutes para aumentar a resistência e ficar golpeando o ar com pesos amarrados nas extremidades do meu corpo, de modo que acabei por me perguntar se aquilo era realmente o que eu queria.

Depois de alguns meses de intenso treino físico e técnico, quando eu estava quase desistindo, após o aquecimento habitual, meu mestre me chamou de canto para treinar com ele, dizendo que aquele treino seria diferente dos anteriores e que finalmente eu iria entender o por que de tanto treino. Foi então que ele me mandou colocar os meus equipamentos, inclusive o protetor bucal, o que me assustou de início, já que eu nunca o havia usado e estaria usando ele contra meu mestre, me fazendo pensar que ele iria acabar comigo, que era um ultimato para que eu desistisse de vez de treinar e, de fato, foi um ultimato, me obrigando a fazer um sparring com ele, uma simulação de luta. Ele com uma expressão zombeira na cara desviava de quase todos os meus golpes, me rodava, me batendo, me dizendo para levantar a guarda, me deixando cada vez

mais irritado e surpreso por estar aguentando tantos golpes. Apesar de estar usando toda força do meu corpo, não estava cansado, até que em um momento consegui desferir um golpe em seu rosto, me fazendo sentir um turbilhão de alegria por finalmente conseguir colocar minhas mãos na cara daquele homem. Logo após este evento ele sorriu para mim, me dizendo que eu finalmente entendi a alegria de lutar e que não importa o quanto eu apanhava, o quão distante eu estaria de uma vitória, se eu aguentar firme e tiver paciência uma hora eu iria bater de volta, o que me fez lembrar do Rock dizendo ao filho que devemos sempre aprender a apanhar, pois a vida sempre vai achar um jeito de te por de joelhos, mas aguentando bem você conseguirá se levantar e voltar a lutar. Logo após dizer isso ele repentinamente levantou a guarda e começou a me bater no rosto até eu não ter como me defender e, assim, me ensinou outra coisa, sempre esteja preparado, em uma luta os golpes poderiam vir a qualquer momento.

Desta forma percebi que estava longe de poder ser considerado um lutador, mas com a motivação no auge continuei a treinar intensamente, sempre em busca daquela explosão de alegria que senti naquele momento, sem a parte de ficar encolhido no canto apanhando, fato que se perpetua até hoje.

LUTAR PELO ESPORTE

Gustavo Chaoyu Lee Hsu

O esporte tem parcela fundamental para minha formação como pessoa. Desde criança, sempre pratiquei Jiu Jitsu e Futebol. Ao mesmo tempo, sempre acompanhei programas esportivos, tais como programas da TV Aberta: Globo Esporte, Esporte Espetacular e Jogo Aberto, e programas da TV Paga: Combate TV e ESPN. Dessa forma, sempre fui vidrado para o Jornalismo esportivo. Tanto praticava quanto via na Televisão.

Quando era criança fazia Jiu Jitsu na academia da minha mãe, a equipe era um braço da Allianz, no qual o mestre era o Ronaldo Yamashiro. Competi diversas vezes o campeonato paulista porém nunca ganhei nenhuma medalha. Cheguei até a faixa Azul e parei aos 17 anos para estudar para o Vestibular. Em relação ao futebol, sempre joguei na equipe do colégio Madre Cabrini. Participei de diversos campeonatos e amistosos entre colégios e já ganhei alguns campeonatos como titular.

O que mais me inspirou quando criança foi ver o crescimento do Brazilian Jiu Jitsu no mundo. O intuito da luta, inicialmente era provar a eficiência da modalidade versus outras. E foi assim, que fundaram o UFC, hoje programa global no qual ganha milhões de reais por luta. A cada luta dos Gracies que observava, me inspirava mais a ser uma pessoa melhor e a lutar pelos meus desejos. Por isso, considero que o esporte foi fundamental na minha infância.

Ao entrar na Faculdade, participei de diversas entidades como a Atlética e a FEA Sports Business. Ambas faculdades possuem os seguintes objetivos, respectivamente: Incentivar o esporte universitário e promover a gestão esportiva no Brasil. Dessa forma, o que me leva mais adiante é saber que o esporte no Brasil ainda é muito deficitário porém possui muita oportunidade. Penso que a gestão esportiva no Brasil, precisa partir de bons profissionais, e a faculdade é uma opção para isso. Acredito também que o aprendizado em sobre jornalismo esportivo pode influenciar os universitários a quererem levantar essa questão no país e quem sabe um dia, chegarmos ao nível esportivo dos Estados Unidos.

DEZ

Igor Aguiar Cirilo

Tinha dez anos. Camisa dez. Dez gols no campeonato. Essa foi a introdução que o jornalista da Copa Net de 2008 fez ao entrevistar o artilheiro da competição: o menino franzino do Colégio Petrópolis que jogava futsal com uma alegria genuína e fazia do campeonato uma brincadeira com seus amigos de escola. Esse menino era eu.

Desde os meus seis anos de idade, praticava futsal pelo time da escola, jogando alguns campeonatos entre os colégios de São Bernardo do Campo. Eram campeonatos muito bem organizados, com juiz, regras bem delimitadas, torcidas (formada majoritariamente pelos pais dos alunos) - o clima de competição gerado fomentava um ânimo tremendo.

Porém, em 2008, surgiu a oportunidade de participarmos de um torneio com um brilho adicional: a Copa Net. O campeonato tinha todos os seus jogos filmados e narrados, havendo transmissão ao vivo na televisão fechada, uma situação que encantava os jovens praticantes do esporte, aproximando-se de uma partida de futebol disputada pelos grandes ídolos dos meninos – aquele ânimo tremendo era potencializado.

Nosso time fazia parte do grupo das mais premiadas escolas no esporte e estávamos fazendo exhibições de encher os olhos dos expectadores – dessa vez, além dos pais dos alunos, muitos colegas de classe passaram a integrar nossa torcida. As belas jogadas criadas e os gols convertidos, muitos desses passando pelos pés do camisa 10, levaram nossa equipe à final da Copa.

A final foi disputada contra um velho rival: o Colégio Stágio. A expectativa depositada na partida era grande, eu sabia que seria um jogo bastante complicado e que o meu desempenho poderia impactar diretamente no resultado do campeonato. Lembro-me muito bem das palavras do repórter que viera conversar comigo sobre a decisão, palavra por palavra, e aquilo me motivou demais. Foi uma partida disputadíssima – o primeiro tempo acabou empatado por dois a dois e, no segundo, numa jogada de sorte, bola que bate e rebate na área adversária, fiz o gol que nos levou ao título daquela romântica disputa.

Tinha dez anos. Camisa dez. Onze gols no campeonato.

CLICK!

Isabella Salvini

Posso dizer que tive uma infância bastante inserida (mergulhada e afogada) no esporte.

Minha mãe, professora de educação física, sempre fez questão que eu praticasse fazendo aulas e treinos, participando de campeonatos. Comecei no basquete e terminei no vôlei.

Como ela era professora das categorias de base do então Finasa, falecido patrocinador na época do forte time de vôlei do Osasco, tínhamos algumas regalias. A melhor delas, para minha mãe, foi quando eu tive a oportunidade de entrar em quadra com as jogadoras. Minha jogadora foi a estupenda Adenícia e eu, com 8 anos de idade, chegava numa altura próxima aos seus joelhos.

Fiquei deslumbrada com a altura daquela mulher, literalmente boquiaberta.

Formou-se a fila, demos as mãos. E a quantidade de músculos? Começamos a entrar na quadra. Meu deus, eu nunca vou ser alta assim. Paramos no centro em formação. O que será que come uma pessoa dessas? Olha a foto! Ela deve ter, no mínimo, 17 metros de altura.

CLICK!

E a foto, orgulho da mamãe, segue no porta retrato. A criança, capturada de boca aberta e os esbugalhados em direção ao céu, já não gosta tanto assim.

DESCOBRINDO SEU LUGAR

Jonathan Kenichi Makiyama

Desde que os 8 anos de idade, já percebia que algo estava deslocado. Algo não se encaixava. Em 2004, quando houve a Copa do Mundo, isso se tornou ainda mais evidente. Como um garoto de 12 anos, que vivia no Brasil, poderia não se emocionar com o a seleção de seu país jogando? Talvez, a cultura passada pelos seus pais o tivesse afetado. Talvez apenas ele não se identificasse com o esporte. Jonathan apenas não se importava com isso.

Com 13 anos, seu primo Tony ficou encarregado de cuidar dele durante a tarde. Mas o primo era jogador de baseball em Itapeverica da Serra, e justamente nessa tarde teria um treino especial para o time, para se prepararem para o campeonato regional, por isso os dois foram para o campo. Foi nesse momento que Jonathan descobriu seu lugar: era no campo de baseball, acertando (quando acertava) bolas o mais forte que conseguia. Maravilhava-se ao ver a bola voar pelo campo. Foi a partir desse dia que todo sábado era sinônimo de treino.

Apesar de tudo, nunca jogou um campeonato como seu primo. Ao mesmo tempo, nunca parou de treinar por isso. Continuou treinando no ensino médio, nos três anos de cursinho. Quando entrou na faculdade, foi uma mistura de emoções. Finalmente havia entrado na faculdade, mas teria que morar mais perto da faculdade, se afastando do campo de baseball. Mas, para sua surpresa, sua faculdade tinha seu próprio time para competir entre as escolas de sua faculdade e entre outras faculdades. Foi nessa época que ele teve sua primeira oportunidade de competir em campeonatos universitários. Apesar de todo seu esforço, rebatidas e arremessos, acabou perdendo na final, conseguindo a medalha de prata no BIXUSP, e ainda sim, foi um dos dias mais felizes de sua vida.

Esse campeonato foi o marco para que Jonathan percebesse que segundo lugar não é o suficiente e passasse a treinar ainda mais, em busca de algo maior.

UM TORNEIO MAIS QUE EMOCIONANTE

João Pedro Darim Azevedo

Nunca me esquecerei daqueles 14 minutos...

Mesmo exaustos, conseguimos um grande feito...

Desde pequeno sempre pratiquei esportes coletivos, comecei com o futebol depois fui para o basquete, acabei no voleibol no ensino médio e na faculdade encontrei minha paixão, o rugby.

Pra quem não conhece, o rugby é um dos esportes mais coletivos do mundo (um “pique bandeira” um pouco mais complexo), cujo objetivo é encostar a bola na área de pontuação (o “try”), podendo apenas passar a bola para trás. Jogado por quinze atletas de cada equipe, a coletividade e confiança são fundamentais para o sucesso neste esporte.

Há também a categoria “seven’s a side” nos quais sete jogadores participam na partida com regras adaptadas (por exemplo, são dois tempos de sete minutos).

O caso que irei contar se refere a um torneio interno realizado na Universidade de São Paulo, no qual vários institutos da USP, incluído um time de Lorena, participaram. O torneio em questão foi disputado no modo “seven’s a side”, pois, com o número de atletas reduzido, mais times se inscreveriam.

Seis times decidiram competir. Em duas chaves de três, os dois melhores iriam disputar a semifinal em modo cruzado em relação a classificação.

O torneio ocorreu em um único dia (muito comum para essa categoria), em um sábado ensolarado. A fase de grupos foi de manhã e as eliminatórias à tarde.

Estávamos um pouco receosos, porque esse modo de jogo não nos era familiar (treinávamos pra jogar com quinze pessoas) e mais receosos ainda devido a participação de vários calouros, seria o primeiro jogo de muitos. Como nosso time tinha muitos jogadores (mais que cabiam na súmula), montar o time pra cada jogo foi um grande desafio. A solução encontrada por nosso treinador (Mamute) foi de mesclar o time com os mais experientes.

Para o primeiro jogo, o time foi montado com mais calouros que veteranos. Pelo nervosismo e falta de experiência da maioria do time, perdemos o primeiro jogo. Fomos para o segundo jogo precisando de vitória e, por causa de critérios de desempate, teríamos que vencer com uma diferença de incríveis três “trys” para nos classificarmos, ou seja, pro tudo ou nada. Para isso foram adicionados alguns veteranos ao elenco, inclusive eu.

O primeiro tempo acabou empatado em zero a zero. Na metade final, para garantir a classificação, Mamute colocou o melhor jogador do time em campo (Sininho), com seus quase um metro e noventa de altura, um pouco mais de 100 quilos e um dos mais rápidos do time.

Nossa arma secreta desequilibrou a partida e conseguimos a classificação. Ganhamos o segundo jogo e, mais ainda, a oportunidade de jogar mais uma partida.

Nosso adversário da semifinal era o time da farmácia, majoritariamente composto por veteranos. Sabíamos que seria um jogo difícil, nosso treinador tirou a responsabilidade das nossas costas, pois já tínhamos ido além das expectativas. Nunca pensei que esse jogo seria tão emocionante.

Estávamos com um time misto em relação a experiência, mas mesmo assim, confiantes. Logo no começo do jogo, tomamos um rápido contra-ataque o placar foi aberto para eles. Mesmo atacando, acabamos o primeiro tempo em desvantagem. Com o início da segunda metade, tomamos uma postura mais agressiva, mas pouco efetiva. O tempo estava acabando e ainda perdíamos por um “try”.

No último minuto, após vários “scrum” disputados (todos perdidos), conseguimos ficar com a posse da bola e nosso ponta (Tim-Tim) conseguiu marcar o ponto, deixando tudo igual. Nos restava agora torcer para nosso “scrum-half” (Cabelo) acertar o chute que nos daria a classificação para a final.

Não foi o que aconteceu, infelizmente o chute não foi assertivo. O regulamento previa a disputa de “golden goal”, durante dois tempos (equivalente a mais um jogo) quem marcasse qualquer ponto primeiro se classificaria.

Jogo começou truncado e na metade do primeiro tempo estava eu correndo para marcar o portador da bola, ao ver minha chegada ele passou para seu companheiro e eu, pra não perder o embalo, acompanhei o passe e comecei a marcar o novo portador. O que eu não esperava era que o nosso pilar (Daniel) estava marcando a mesma pessoa, só que fora do meu campo de visão, resultado: não o vejo e ao mudar minha trajetória de corrida chuto suas pernas fazendo-o cair de mau jeito. O jogo continua até que é marcado uma falta contra nosso time e percebemos que o Daniel continuava no chão sentindo muita dor (ele foi levado ao médico e posteriormente diagnosticado que havia deslocado o ombro).

Como já havíamos feito todas as substituições possíveis e, segundo o regulamento, mesmo que houvesse lesão de algum jogador em campo, não seria possível substituí-lo. Conclusão: ficamos com um a menos no campo (que tem as mesmas dimensões de um campo de futebol de campo). Portanto, se nossa chances já eram baixas, nesse momento eram quase nulas.

Quase no final do primeiro tempo da prorrogação, após uma tentativa de chute nossa, numa rápida troca de passes o ponta farmacêutico sobra sem marcação e dispara pra marcar o ponto da vitória. Cabelo corre e, a cinco metros da zona de “try”, o alcança e o empurra. O bandeira vê o jogador empurrado pisando na linha e marca uma saída de bola pela lateral. O “try” foi evitado e a primeira etapa se encerra.

Com o começo do segundo, Tim-Tim, numa ótima recepção de bola, costura a defesa adversária com suas últimas energias e marca nosso ponto de ouro, todos os jogadores caíram no chão de exaustão, mas com um sorriso no rosto. Havíamos conseguido, íamos pra final. Por se tratar de um torneio de “sevens a side” a final ocorreria 30 minutos após o término.

Estávamos exaustos, mesmo assim, o time foi montado com aqueles não jogaram a semifinal e algumas veteranos que jogaram. Devido a minha exaustão, não fui convocado pra jogar a última partida.

Como já poderíamos esperar. Perdemos, perdemos feio. Um placar super elástico. Os veteranos não tinham mais fôlego devido ao jogo anterior e os calouros não tinham experiência suficiente para tomar boas iniciativas.

Fomos vice-campeões, muito além das expectativas de todos, mas acabamos nos saindo muito bem. Um título bem comemorado, com sorriso no rosto e medalha no peito. Esse dia ficará marcado para sempre em minha memória.

FORA D'ÁGUA

Leonardo Centenaro Ramos

Com 7 anos, ainda tentando descobrir onde se encaixava, todo garoto é extremamente pressionado para jogar bola. Faz sentido. Nascido no mar, espera-se que se saiba nadar. Pois bem, nascido no Brasil (principalmente homem), espera-se que se saiba bater uma bola. Algumas pessoas claramente nascem com um talento, uma vantagem natural, onde pouco esforço leva a grandes sucessos. Outros não tem tanta sorte. Infelizmente, para essa criança de 7 anos, a sorte não estava ao seu lado. Jogava sempre que podia e até fazia parte de uma escolinha de futebol, mas de nada adiantava muito. Treinando várias vezes, ficar de frente pra parede, virar o pé e tocar a bola pra você mesmo. Bate, volta, bate, volta, bate, volta, troca de perna, bate e volta. Sempre nessa monotonia acaba lembrando do avô, por sua vez um excelente jogador na sua juventude, que desde cedo colocou o menino para treinar na parede.

No final de cada aula, equipes eram dividas entre os de colete azul e os de vermelho. Era mais ou menos nessa hora que o pai chegava, com a sua camiseta social azul clara e sua gravata preta, e com o terno nos braços ele procurava um lugar na arquibancada pra assistir o pequeno peixe fazer seu esforço semanal para nadar contra a correnteza. Fazia questão de assistir tudo e julgar em silêncio, deixando mostrar sempre um pouco de animação quando o filho pegava na bola. Mas não vamos mentir, o menino não era lá essas coisas. Jogava de zagueiro, mas não por ser maior que as outras crianças ou por saber bloquear qualquer ataque, mas porque faltava aquele brilho de quem pega a bola e sai driblando, encontrando o caminho, percebendo a movimentação e finalizando da melhor forma pra marcar o gol, mesmo jogando sempre no prédio onde morava ou na rua da casa do amigo.

Amigo esse camisa 10 da turma, mas que não fazia a mesma escolinha por já jogar com os mais velhos. A ideia não era ser o melhor jogador em campo, é mais fácil só não se afogar do que tentar ser o Michael Phelps. Mas mesmo para esse menino, sendo pressionado para apresentar o que deveria vir naturalmente, o futebol continuava sendo uma das maiores diversões. Mesmo jogando de mal zagueiro, a escolinha era sempre um lugar de dar risada com os amigos. Todo final de jogo o pai, cansado de uma longa semana de trabalho, estava lá para abraçar e voltar conversando com o filho. Assistia todos os jogos que passavam na televisão, pois sabia que o avô iria comentar e queria estar com a pauta em dia. É fácil ver que não é preciso ser um Bola d'Ouro para desfrutar da magia do futebol. E foi assim, com pai, avô e amigos camisa 10, com essa união que o peixe fora d'água assistiu os tubarões ganharem o seu quinto título na terra do peixe cru.

ESSA TAL DE NATAÇÃO!

Lucas Stefan Abe

Aos meus 8 anos tive o primeiro contato com a natação, começou como uma coisa obrigatória, pois meus pais haviam decidido que seria bom para mim, e como toda criança, não tinha muita escolha para argumentar contra essa decisão. Nunca havia passado pela minha cabeça fazer esse esporte que para mim parecia um pouco sem graça; afinal, não precisava disso, pois eu tinha minhas incríveis boias de braço que para mim eram suficientes, enfeitadas com desenhos de super-heróis, fazendo com que eu me sentisse invencível com elas. Pois, toda vez que ia à piscina ou à praia, eu as usava com o maior orgulho, embora já fosse um pouco crescido para continuar usando boias.

Enfim, não consegui convencer os adultos, então acabei tendo de ir às aulas, duas vezes por semana, no período da tarde. No começo ficava entediado, pois perdia uma parte preciosa do dia, que antes era dedicada aos meus desenhos que passavam na televisão de casa. Assistir desenhos era umas das minhas ocupações favoritas, e só perdia para o vídeo game. Assim, no primeiro dia de natação, o tédio tomou conta, pois o professor pediu que fizéssemos uns exercícios esquisitos de respiração e eu tinha que usar um outro tipo de boia chamada de espaguete, feita de uma espuma engraçada, em umas cores sem graça. Na segunda aula, foi a mesma chatice, muito exercício e teoria, pouca prática! Oras, se eu estava lá para aprender a nadar, porque o professor não me deixava nadar logo de uma vez? Eu sempre fui muito inquieto, e coisas paradas me deixavam entediado, principalmente quando eu via outras crianças mais velhas nadando, eu queria fazer as mesmas coisas que elas, pois pareciam que estavam se divertindo muito mais do que eu, já que eu nem podia atravessar a piscina inteira, tinha que ficar perto das bordas. Sem contar que odiava usar a touca de natação, e o óculos ficava todo embaçado, eu tinha um dilema: ou usava os óculos e não enxergava nada, ou ficava com os olhos irritados por conta do cloro. Como uma criança esperta, eu sempre escolhia a primeira opção, ou seja, ver tudo embaçado, sendo que ironicamente os óculos serviam para enxergarmos melhor em baixo da água!

Ainda, toda vez que entrava, me sentia incomodado pelo cheiro forte de cloro na água, o ambiente úmido e o vapor que vinha da água aquecida. O professor colocava umas músicas estranhas para tocar, geralmente era a mesma, e o som ecoava por todo o ambiente, misturado com o som da água sendo jogada, quando as pessoas nadavam. Era uma sensação estranha, turva e desnecessária, e só contribuía para o meu aborrecimento com a essa tal de natação!

Na terceira aula, o negócio começou a ficar mais interessante, pois pela primeira vez nadei sozinho sem o auxílio de boias. Aquilo foi o máximo, quando nadei tive uma sensação de leveza e muita liberdade e pela primeira vez entendi porque meus pais insistiram tanto para eu começar a nadar! Aquilo era muito melhor do que ficar dependendo de bóias de braço, pois eu podia escolher a direção para onde ir, me sentia no controle! Aquele dia eu não queria mais sair da água, acabou a aula e eu pedi para ficar mais um pouco, enquanto o professor deixava a minha mãe orgulhosa falando que consegui nadar sozinho.

A partir daquele dia, não importavam os óculos, a música, ou o cheiro forte de cloro, pois acabei gostando muito da natação. Eventualmente esqueci dos desenhos da tarde, que já sabia de cor, e passei a focar em aprender novas coisas e a nadar cada vez melhor, com essa nova sensação de vitória em toda vez que nadava. Essa sensação durou por muito tempo, na verdade muitos anos.

O SONHO DE UM CAMPEÃO OLÍMPICO

Matheus Brito Lima

Quando se é criança, tudo é diferente: Ao descobrir novas coisas, você acha curioso, mágico, especial, fascinante, às vezes até mesmo apaixonante. Foi desta maneira que aconteceu a descoberta do esporte para um menino de 7 anos natural de São Paulo, cidade marcada por uma riquíssima ligação com o esporte: Clubes poliesportivos como Pinheiros e Palmeiras; equipes de futebol com renome nacional e internacional, e grandes atletas como Serginho do vôlei e Maria Esther Bueno, do Vôlei. Assim fica difícil não se apaixonar por essa delícia de estilo de vida chamado esporte, não é mesmo?

Já com essa mentalidade esportiva concretizada, aconteceria no mês de julho do ano de 2006 as olimpíadas escolares no Colégio Santa Bárbara. Teteu, na época, era um dos mais empolgados com a realização do evento, e ao ver as modalidades, se apaixonou por uma em específico: O Salto em distância.

Em pouco tempo de conhecimento acerca da modalidade, já conseguia me ver voando nas quadras do Colégio, segurando e vibrando com a medalha de campeão. Da mesma forma que Maurren Maggi havia feito nas Olimpíadas dois anos depois. Ela em Pequim, eu em Pirituba; Na época não tinha como saber, mas de alguma maneira me inspirei e me senti como a campeã olímpica, me preparando como se fosse a última batalha de minha vida. Em casa o chão virou local de treinamento; A cama virou um dos principais escritórios de planejamento e preparo psicológico para aquela grande decisão, até o sofá participava às vezes. De tal maneira ainda recorria à ajuda Divina: “Deus, sei que está aí em cima trabalhando para diminuir a fome e acabar com a maldade no mundo, mas me ajuda a ganhar uma medalha nas olimpíadas da escola. Eu ficarei muito feliz “

Assim, era chegado o dia da competição. Apesar do treino, preparo psicológico e suporte dos meus familiares, percebi que havia começado mal a competição. O medo de se machucar e depois ainda ter que passar merthiolate no machucado eram enormes... e isso foi me deixando lá em baixo na classificação. Mas sabe aquele momento que você pensa “Dane-se”? Pois bem, ele veio na hora certa. Faltava apenas uma tentativa, e nela concentrei todas as minhas forças e lembrei de tudo que havia passado, desde o momento que o esporte entrara em minha vida... “É, tá na hora de jogar sério “. Naquele momento o menino voou...voou...voou... E caiu.

Quando acordei, havia um rasgo na calça maior que a própria calça, bem na região do joelho (Droga!). A minha maior surpresa, no entanto, havia de ser o resultado que eu conquistara... O Bronze!! Isso mesmo: O bronze! O pódio era meu, quase não acreditava... Era real, todo aquele esforço havia se concretizado no meu sonho de receber uma medalha e subir o degrau do palco do esporte, exatamente como acontecera com Maurren dois anos depois.

Na entrega das medalhas, com a calça rasgada e tudo, me emocionei; sorri para as fotos; E fui aplaudido por aquelas mais de 50 pessoas que acompanhavam a competição. A felicidade transbordava: A realização estava completa; E o orgulho...Ah! Esse era igual ao de um campeão olímpico.

A DESCOBERTA DE UM NOVO ESPORTE

Pedro Crispim

A minha família sempre foi composta por adoradores e praticantes de futebol, portanto, desde pequeno, fui muito exposto a essa “cultura do futebol”. Meus tios, meus avós, meus primos e meu pai foram, e continuam sendo, jogadores e torcedores assíduos. Entretanto, apesar de me identificar com o jogo e com determinados times, nunca me senti pertencente desse grupo, que posso denominar aqui de “adoradores de futebol”. Essa falta de pertencimento advém, provavelmente, do fato de faltar na minha pessoa habilidades futebolísticas, que aos meus parentes sobra. Portanto, sinto que tal fato impossibilitou minha paixão pelo jogo, mas não o meu respeito e admiração pelo mesmo. Foi em meio a essa situação que procurei uma outra opção de esporte que despertasse dentro de mim um sentimento de paixão e devoção e, nesse contexto, encontrei o tênis.

Foi em 2005 que tive meu primeiro contato com o tênis. Estava no meu clube com minha mãe quando ela me fez a proposta de assistir meu padrinho jogar. Naquela época não tinha conhecimento sobre o esporte, então fiquei interessado e decidi aceitar o convite. Após assistir ao jogo fiquei encantado com o tênis e decidi que gostaria de começar a praticar. Já no dia seguinte pedi para o meu padrinho me ensinar o básico e após menos de uma semana já estava inscrito nas aulas ministradas pelo meu clube. Quanto mais eu jogava mais eu sentia minhas habilidades evoluindo, algo que não era percebido por mim enquanto praticava futebol. Portanto, diria que essa evolução constante foi fundamental para fomentar minha paixão pelo tênis.

Posso citar aqui que uma das memórias da minha infância que eu tenho mais carinho está relacionada ao tênis. Lembro-me que foi em uma tarde de muito sol que decidimos fazer um churrasco no meu clube e convidar algumas outras famílias sócias. Dentro dessas famílias havia grandes amigos meus que também estavam praticando tênis e, portanto, após algum tempo de brincadeiras recreativas e comilanças decidimos armar um pequeno campeonato entre amigos. Convidamos nossos parentes para torcer, armamos as chaves da competição e começamos a jogar. Foi um momento de grande felicidade para mim, me reunir com meus amigos para praticar um esporte que adoro e ainda por cima ter como plateia meus familiares e outros conhecidos. Não fui o campeão da competição, porém isso pouco importava para mim, dada a minha felicidade por simplesmente ter experienciado um momento de grande alegria com meus amigos e parentes.

Após poucos anos de prática e minha primeira experiência de participação em uma competição, mesmo que armada entre amigos, senti que já estava preparado para levar o esporte a um nível mais competitivo, logo decidi fazer aulas particulares, treinar mais e participar de campeonatos. Nessas competições experienciei altos e baixos, como qualquer atleta, porém isso nunca abalou minha paixão pelo jogo. Entretanto, essa devoção ao esporte estava tomando um tempo considerável de minha vida, o que acabou refletindo, principalmente, no meu

desempenho escolar. Como na minha família os estudos sempre foram muito valorizados, me sentia entristecido por não conseguir alcançar as expectativas acadêmicas que meus pais e irmãos tinham para mim. Nesse contexto, me vi dividido entre o tênis e os estudos. Entretanto, após algum tempo pensando que a maneira mais benéfica para minha pessoa seria conciliar as duas atividades.

Atualmente, sinto que encontrei o ponto de equilíbrio entre me dedicar ao tênis e aos estudos. Não participo de competições oficiais, mas continuo praticando o esporte ao menos três vezes por semana com grande fervor. Ao mesmo tempo, sou um aluno dedicado, com boas notas e proativo. Por experiência própria, posso dizer que um esporte contribui imensamente para o desempenho acadêmico de uma pessoa, pois ensina o que é dedicação, paciência e humildade.

QUE JOGO!

Rodrigo Gorga Cavero

Desde cedo sou apaixonado por futebol. Apesar de grande parte da família ser alheia a esta paixão, tive a sorte de ser contaminado por uma tia e primos (com os quais compartilhava os bons momentos da nossa infância) pela febre de ser corintiano. Lembro até hoje a briga que foi quando meu primo Luca descobriu que eu roubei a figurinha dele do Luizão. Foi no ano de 2002, no qual o Penta foi decisivo para consolidar essa paixão. Vi Ronaldo nos conduzir à taça e vi meu primeiro ídolo corintiano, Gil, sucumbir diante de Diego, Robinho e os outros meninos da Vila na disputa pelo Brasileirão.

Confesso que essa paixão era acompanhada de duas angústias. A primeira era não ter pessoas próximas adeptas da cultura de frequentar estádios, para poder me levar junto. A segunda era ser um péssimo jogador.

A primeira foi sanada na juventude, através da inevitável aproximação de amigos frequentadores já na época da Arena Corinthians, em Itaquera. Pude matar minha sede de presenciar meu Timão vencer seus 3 arqui-rivais paulistas e outros gigantes do nosso futebol.

Porém a segunda angústia dura até hoje. Na verdade até houve uma melhora. A luta para evoluir de jogador péssimo para jogador ruim vêm desde a infância até os dias de agora. De último a ser escolhido, me tornei um dos primeiros a ser escolhidos depois dos bons, por ser esforçado.

O engraçado é que por mais que disfarçasse diante dos outros uma certa conformidade com o fato de jogar mal, no fundo era corroído pela frustração e sempre queria melhorar. Até por isso, guardo com carinho na memória meus lances de efeito e gols bonitos e/ou decisivos. Porque são raros.

Já consegui inclusive protagonizar lances com o famoso “lampejo de genialidade”, envolvendo jogadas individuais com a bola dominada, chutaços de longe, gols de cobertura, porém, curiosamente, o gol que considero mais significativo e talvez, representativo, na minha “carreira” se destaca pela casualidade e praticidade, já que foi um gol de apenas um toque na bola.

Foi num clássico da sétima série do meu colégio. Em toda aula de educação física degladiavam-se a 7^aG, minha sala, contra a 7^aH. Era um confronto extremamente disputado e equilibrado. O lado que saía com a vitória era sempre no aperto e jogo a jogo se acirrava ainda mais a rivalidade.

Minha sala contava com o talento de Willian e Felipinho. Ambos baixinhos e franzinos. Willian, o japonês, era o clássico camisa 10 e termômetro da equipe. Sua segurança transmitia confiança e quando acionado sempre fazia questão de mostrar sua categoria. Felipinho era menor ainda, porém muito rápido e um finalizador nato. Até hoje conheci poucos jogadores

com a sua frieza na frente do gol.

O outro time contava com uma estrela só, o Cunha, que era equivalente a um Cristiano Ronaldo da sétima série. O garoto já era um trator para a sua idade, um dos poucos com musculatura desenvolvida, que viria a aparecer nos demais colegas 2 ou 3 anos depois. Não se destacava somente pelo físico, dominava os fundamentos básicos e era muito dinâmico, correndo pelo time o jogo inteiro. Levava o time nas costas e suas bombas eram indefensáveis.

Já eu me encaixava no balaio dos jogadores comuns que vez ou outra se sobressaíam tecnicamente e tinham que prevalecer, sobretudo, pelo esforço. E meu grande momento foi acontecer no único jogo realmente atípico deste clássico do Fundamental. Sabe aquele jogo em que tudo dá certo prum lado e errado pro outro? Foi justamente o que aconteceu. As duas equipes entraram completas para o confronto como na maioria dos embates, só que já de cara, com Willian e Felpinho inspirados, fomos abrindo logo 3 a 0, deixando a rapazeada da 7ªH atordoada num verdadeiro efeito “7 x 1”, fazendo brotar talento até em quem não tinha do nosso lado e, em contrapartida, minando toda confiança e esforços do lado deles.

Quando já estava 4 ou 5 a 1, na saída de bola do meio campo após tomarmos o gol de honra, rolam a bola lá atrás, perto da lateral da nossa área, para o Willian arriscar o petardo de longa distância. O chute cruzado sai completamente torto, a meia altura e ia sair pela lateral pouco depois da linha de meio campo. Exatamente na direção onde eu me encontrava.

Ao ver a bola vir na direção das minhas costas, numa fração de segundos pensei: “Porque não?” e estiquei a perna direita para a trás apoiando o peso do corpo na esquerda. Flexionei o joelho fazendo o movimento de gancho com a perna. A bola encontrou meu calcanhar e fez a parábola na altura perfeita para, caprichosamente, superar o salto do goleiro (levemente adiantado) e pousar sob o espaço mais alto abaixo do travessão no centro do gol.

A minha primeira atitude foi de não comemorar, tamanha a sorte do lance logo após o esboço de reação do time adversário, mas assim que virei pra trás vi meus companheiros, incrédulos, correndo na minha direção para me abraçar. Eu já tinha uma fama de protagonizar alguns lances “cagados”, mas nunca algo tão improvável e plástico como esse.

A festa pelo gol durou uns bons 2 minutos e partir disso o jogo se retomou num verdadeiro 2º tempo da tragédia do Mineirão, só que nesse caso o respeito não tinha em vista preservar a imagem da 7ªH ou demonstrar algum tipo de gratidão. No caso, visava evitar alguma pancadaria tendo do outro lado o Cunha.

O ESPORTE E AS MÁQUINAS

Vinicius A. Sayão

Deep Blue moveu o peão de c2 para c4 e naquele momento Garry Kasparov, um dos maiores enxadristas de todos os tempos, desistiu. Pela primeira vez na história do xadrez, a máquina havia vencido uma série inteira contra o campeão mundial.

Hoje, 21 anos depois, não há comparação: nenhum humano é páreo para as máquinas. Até a Deep Blue já ficou pra trás. Agora quem dá bola — ou mate — é a Alpha Zero e a Stockfish. Elas fazem o melhor movimento possível em praticamente 100% das vezes. Humanamente impossível. O computador superou o cérebro no esporte da mente.

Tem lá sua beleza, é o melhor xadrez possível sendo jogado, mas não é humano.

Os inesperados e brilhantes sacrifícios de peças de Mikhail Tal; Magnus Carlsen jogando — e vencendo — três partidas simultâneas com os olhos vendados (apenas lembrando onde cada peça está em três tabuleiros diferentes ao mesmo tempo!); os memoráveis duelos de Tal contra o gênio Bobby Fischer em ascensão; e todo o resto da história desse jogo que é praticado desde séculos atrás... Isso é mais que vencer ou jogar bem, isso é quase uma arte sendo produzida em tempo real, é ter a ideia naquele exato momento e executar, sem ser programado para isso. São coisas que as máquinas nunca farão.

E assim é em outros esportes. Precisamos de Carlsen, Jordan, Pelé, Messi, Federer, Phelps e de todos os outros, porque eles concretizam os feitos espetaculares que queremos ver e com os quais sonhamos. Porque eles são humanos, como a gente, e isso é o mais fascinante.

REFERÊNCIAS

BICUDO, Francisco Periago. *Crônicas Boleiras – segundo tempo*. São Paulo: Chiado Books, 2018.

MALULY, Luciano Victor Barros. *Jornalismo esportivo – princípios e técnicas*. São Paulo: Editora do Autor, 2017.

TAVARES JUNIOR, Carlos Augusto. “Jornalismo esportivo – o que é”. *Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*, v.4, n.2. Ponta Grossa: UEPG, jul.dez/2017, p.38-59. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9998/6234>>. Acesso em: 08/09/2018.

VENÂNCIO, Rafael Duarte de Oliveira. “Os enunciados do jogo e o imaginário do esporte: métodos para o ensino e pesquisa histórica do jornalismo esportivo”. *Revista Brasileira de Ensino do Jornalismo – Rebej*, v.5, n.17. Brasília: Brasília: ABEJ, jul.dez/2015, p.235-255. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/415/263>>. Acesso em: 08/09/2018.



LINK:

Acesse o Blog Jornalismo Esportivo da ECA-USP para visualizar todas as edições do CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO, além das demais matérias produzidas pelos alunos e alunas da disciplina CJE 0634 – Jornalismo Esportivo: a pauta além do futebol:

<http://usp.br/cje/esportivo/>